

BIBLIOTHECA THEATRAL

A

PRINCEZA DOS CAJUEIROS

OPERA COMICA EM 1 PROLOGO E 2 ACTOS

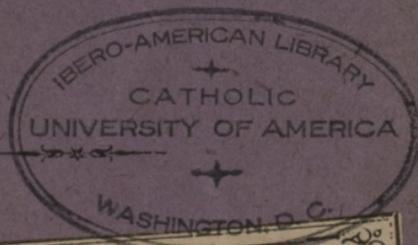
POR

ARTHUR AZEVEDO

MUSICA

DE

F. DE SÁ NORONHA



121 Rua de S José 121

LIVRARIA DE DEMOCRATICA

J. LOPES DE SOUZA

COMPRAM-SE E VENDEM-SE LIVROS

Encontra-se nesta casa por modicos preços grande
sortimento de livros, tanto collezias como de littera-
tura, sciencias, etc., etc.

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA THEATRAL DO EDITOR SERAFIM JOSÉ ALVES

83—Rua Sete de Setembro—83

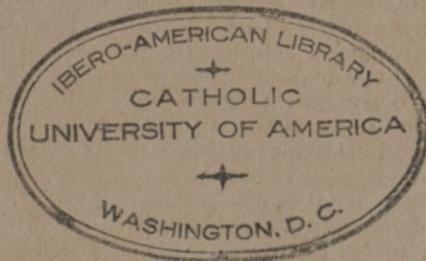
Coração e Genio, por Pires Ferrão.....	1\$000
Abel, Helena, por Arthur de Azevedo.....	1\$000
A filha de Maria Angú, pelo mesmo.....	1\$000
A casadinha de fresco, pelo mesmo.....	1\$000
Jerusalem libertada, pelo mesmo.....	1\$000
Niniche, pelo mesmo.....	1\$000
A Princesa dos Cajueiros, pelo mesmo.....	1\$000
As duas orphãs, drama em 5 actos e 8 quadros.....	1\$000
Aimée ou o assassino por amor, drama em 5 actos.....	1\$000
A Judia, drama por Pinheiro Chagas.....	1\$000
A morgadinha de Val-flôr, pelo mesmo.....	1\$000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	1\$000
A Estalpa de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida...	1\$000
Viagem á lua, por Eduardo Garrido.....	1\$000
O joven Telemaco, pelo mesmo.....	1\$000
Os sinos de Corneville, pelo mesmo.....	1\$000
Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros.....	1\$000
Romance de um moço pobre, drama.....	1\$000
Fausto, drama phantastico de Gutierrez da Silva.....	1\$000
Eur.co, drama.	
A Ordem é Resonar, comedia.....	\$500
Cinmes de um velho, comedia.....	\$500
Amor por Annexins, com. em 1 acto, por A. de Azevedo	\$500
Resonar sem dormir, com. em 1 acto.....	\$500
Atribulações de um Estudante, com. em 1 acto.....	\$500
Amor e honra, drama em 2 actos.....	\$500
O architecto das moças, comedia em 1 acto.....	\$500
FFFF e RRRR, comedia em 1 acto.....	\$500
A B C, comedia em 1 acto.....	\$500
Baptisado e casamento, comedia em 1 acto.....	\$500
As saias nas calças e as calças nas saias, c. dr. em 1 acto	\$500
223 por 225, comedia em 1 acto.....	\$500
A monomania, comedia em 2 actos.....	\$500
A joia das joias, comedia em 1 acto.....	\$500
Um diabrete de 16 annos, comedia em 1 acto.....	\$500
Um idioma, entre-acto comico, (não entra dama).....	\$500
Uma prima e tres bordões, comedia em 1 acto.....	\$500
Os maçons e o bispo, comedia em 1 acto.....	\$500
Os Trinta Botões, comedia.....	\$500
Uma Scena no sertao de Minas, comedia.....	\$508
Ensaio Dramatico de uma sociedade particular, com.	\$500
O Envenenamento fingido, comedia em 1 acto.....	\$500
A ordem é resonar, com. em 1 acto.....	\$500
Bala queimada, scena comica.....	\$200
O amigo dos artistas, scena por um inimigo dos ditos....	\$200

A

PRINCEZA DOS CAJUEIROS

OPERA COMICA EM 1 PROLOGO E 2 ACTOS

Representada pela primeira vez
no Rio de Janeiro, no theatro Phenix Dramatica, em 6 de
março de 1880.



70
9687
A95
P675
1830

DO MESMO AUCTOR

Trabalhos theatraes representados :

- * **Abel, Helena**, opera-comica em 3 actos, escripta a proposito da **Belle Hélène**, musica de Offenbach.
- Alfacinha** (o), scena-comica em verso, original.
- * **Amor por annexins**, entre-acto comico, original, musica de Leocadio Raiol.
- Anjo do mal** (o), drama em 5 actos e 8 quadros, traducção livre.
- Camargo** (a), opera-comica em 3 actos, traducção, musica de Lecocq.
- * **Casadinha de fresco**, opera-comica em 3 actos, imitação da **Petite mariée**, musica de Lecocq.
- Duas irmans** (as), drama em 5 actos, traducção.
- Exposição portugueza** (a), monologo comico, musica de F. de Sá Noronha.
- * **Filha de Maria Angú** (a), opera-comica em 3 actos, escripta a proposito da **Fille de Madame Angot**, musica de Lecocq.
- Filha do fogo** (a), opereta-magica em 3 actos e 12 quadros, traduzida livremente e accrescentada, musica de Offenbach, Lecocq e Cyriaco de Cardoso.
- * **Jerusalém libertada**, drama-phantastico em 4 actos e 10 quadros, traducção, musica de Cyriaco de Cardoso.
- * **Joia** (a), comedia em 3 actos, original e em verso.
- Kellar e Fagundes**, dialogo comico, original.
- Mulheres do mercado** (as), drama em 5 actos e 10 quadros, traducção, musica de Carlos Cavalier.
- * **Nhõ-nhõ**, comedia em 3 actos, traducção livre.
- * **Niniche**, comedia em 3 actos, traducção livre. Musica de Mario Boullard.
- Pelle do lobo** (a), comedia em 1 acto, original.
- Perola negra** (a), drama em 5 actos e 7 quadros, traducção livre.
- Primeiras proezas de Richelieu**, comedia em 2 actos, traducção, de sociedade com Arthur Barreiros.
- * **Princeza dos cajueiros** (a), opera comica em 3 actos, original, musica de F. de Sá Noronha.
- Rei das areias de ouro** (o), drama em 5 actos, traducção.
- Rio de Janeiro em 1877** (o), revista satyrica e burlesca em 1 prologo, 3 actos e 16 quadros, original, de sociedade com Lino de Assumpção. Musica de diversos.
- Sogro e genro**, comedia em 1 acto, imitação.
- * **Vespera de Reis na Bahia** (uma), comedia-opereta em 1 acto, original, musica de Francisco Libanio Colás.

As peças com o signal * estão publicadas, e vendem-se na livraria de *Serafim José Alves*, livreiro-editor, rua Sete de Setembro n.º 83, (côrte).

A

JACINTHO HELLER

OFFERECE

O AUCTOR.

BIBLIOTHECA THEATRAL

A

PRINCEZA DOS CAJUEIROS

OPERA COMICA EM 1 PROLOGO E 2 ACTOS

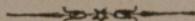
POR

ARTHUR AZEVEDO

MUSICA

DE

F. DE SÁ NORONHA



RIO DE JANEIRO

Typ. da — **Escola** — de Serafim José Alves — Editor

83 — Rua Sete de Setembro — **83**

1880

PERSONAGENS

DO PROLOGO

EL-REI CAJU (*).....	GUILHERME
DOUTOR ESCORREGA, medico do paço.....	VASQUES
NHECO, mestre de cerimonia.....	PINTO
MARCOS, pescador.....	FELIPPE
VIRGINIA, mulher do povo.....	HERMINIA
UM PAGEM.....	M. PERUCHEAU
UMA ENFERMEIRA.....	MATHILDE

Conselheiros, ministros, fidalgos, cortezãos, damas do paço e amas de leite.

DOS DOUS ACTOS

PRINCEZA DOS CAJUEIROS.....	ROSA VILLIOT
PAULO, pescador.....	J. DELMARY
DUQUEZA DA GUARDA VELHA.....	HERMINIA
PETRONILHA, } mulheres do povo..... {	MATHILDE
THEREZA }..... {	IZABEL
EL-REI CAJU.....	GUILHERME
BARÃO DO BOM-SUCCESSO, medico do paço.	VASQUES
NHECO, mestre de cerimonia.....	PINTO
MARCOS, pescador.....	FELIPPE
O ADVOGADO DA DEFEZA.....	LEAL
O ADVOGADO DA ACCUSAÇÃO.....	ANDRÉ
1.º MINISTRO.....	LISBÔA
2.º MINISTRO.....	ADELINO
3.º MINISTRO.....	MACHADO
4.º MINISTRO.....	ADELAIDE
UM LACAIO.....	VICENTE

Pescadores, gondoleiros, fidalgos, damas, lacaios, guardas, etc.

A scena passa-se na ilha (imaginaria) dos Cajueiros, os dous ultimos actos vinte annos depois do prologo.

Ensaíador, Jacintho Heller. Regente da orchestra, Henrique de Mesquita. Scenographo, Julio de Abreu.

(*) O nome de Cajú foi substituido na representação pelo de Tatú. Essa mudança foi suggerida por mal entendidos, ainda que delicados, escrupulos do digno empresario da Phenix Dramatica.

6340.

A PRINCEZA DOS CAJUEIROS

PROLOGO

Sala de gosto antigo e exquisito. Duas portas á direita e duas á esquerda. No fundo um arco em toda a largura da sala. Depois do arco uma grade, aberta no centro, para dar passagem para um bosque por uma escaða que não se vê. A' esquerda um sofá.

SCENA PRIMEIRA

CORTEZÃOS, depois o DOUTOR ESCORREGA, depois UM PAGEM, depois EL-REI CAJU e sua comitiva.

INTRODUÇÃO

CÔRO DE CORTEZÃOS.

Contentes, contentes,
Nós vamos ficar!
Ferventes, ferventes,
Sabemos amar
A bella rainha
Que o céu
Nos deu,
E que, coitadinha!
Stá p'ra dar á luz

Um filho que ha de ser um principe de truz!

DOUTOR, (*apparecendo á porta dos aposentos da rainha, á
meia voz.*)

Senhores, não façam tamanho barulho,
Que nada de novo por ora não ha....

CORTEZÃOS, (*á meia voz.*)

Pois bem! não façamos tamanho barulho,
Que nada de novo por ora não ha....

DOUTOR.

Senhores, estamos a quinze de julho ;
Ha já nove mezes que... tra la ra la !

CÔRO.

Tra la ra la,
Tra la ra la,
Ha já nove mezes que... tra la ra la !

DOUTOR, (*descendo á scena.*)

COPLAS.

I

Eis o doutor Escorrega,
Do paço medico mór,
Que os doentes se encarrega
De mandar para melhor.
Eis o doutor Escorrega !
No bem da humanidade os dias seus emprega !

CÔRO.

Eis o doutor Escorrega !
No bem da humanidade os dias seus emprega !

DOUTOR.

II

Ha quatro mezes somente
Da Academia sahi :
Já matei radicalmente
Cinco ou seis typos d'aqui !
Eis o doutor Escorrega ! etc., etc.

(*Declamando.*) Viram o medico do paço ? Vejam agora o
paço do medico ! (*Dansa um burlesco sapateado durante
o seguinte côro.*)

CÔRO.

Ah ! Ah ! Ah ! Ah !...
Quem mais burlesco,
Quem mais grotesco
Será ? será ?...
Passo indecente !
De rir á gente
Vontade dá !
Ah ! Ah ! Ah ! Ah !...

(*Findo o côro, entra o pagem a correr.*)

PAGEM.

Limpem fatos
E sapatos,
Que ahí vem el-rei!

(Cada um dos cortezãos tira uma escova do bolso: limpam-se uns aos outros.)

CORTEZÃOS.

Zas! Traz! Zas!
Traz! Zas! Traz!
Fatos limpos e sapatos?
Que ahí vem el-rei!

PAGEM.

Vim prevenir-vos depressa,
Atal que o avistei!

CORTEZÃOS, *(a escovarem-se.)*

Pressa! pressa! pressa! pressa!
Que ahí vem el-rei!

(Apparece ao fundo numerosa e luzida comitiva que precede El-rei, que vem acompanhado de couteiros, trazendo petrechos de caça.)

MARCHA e CÔRO GERAL.

Praça! Praça!
Praça, porque aqui está
El-rei que vem da caça!
Toca trombeta: tra la ra!
EL-REI, *(á bocca de scena.)*

COPIAS.

I

Eu sou o rei mais pandigo,
Um rei sou de mão cheia!
Pareço um rei de magia,
Por ser original!
Por isso os meus bons subditos
Não fazem cara feia...
P'ra rei de opera comica
Não estou de todo mal!
Tur lu tu tu,
Tur lu tu tu,
Ora aqui está el-rei Caju!

EL-REI.

II

No meu paiz esplendido
 E' tudo monarchista!
 Ninguem falla em republica,
 Ninguem diz mal de mim!
 Si acaso algum sacrilego
 Quizer metter-me a crista,
 Irá para o patibulo,
 Pois... eu cá sou assim!
 Tur lu tu tu,
 Etc. etc.

CÔRO.

Tur lu tu tu,
 Etc., etc.

EL-REI.

(*Aos cortesãos, que desde a sua entrada têm-se inclinando bastante.*) Levantar cabeças! (*Perfilam-se.*) Doutor, dou-te a honra de dizer que venho da caça.

DOUTOR.

A caça é o rei dos prazeres e o prazer dos reis!

EL-REI.

Foi uma caçada real!

DOUTOR.

O que matou?

EL-REI.

Um veado.

DOUTOR.

Teve medo?

EL-REI.

Não. — Estou satisfeitissimo com os meus couteiros! (*A' comitiva.*) Na proxima fornada, hei de fazer-vos barões, marquezes, conselheiros, coroneis da guarda-nacional, etc. Sois optimos caçadores! (*Inclinam-se.*) Levantar cabeças! (*Perfilam-se.*) Que novas me dás do estado de sua magestade a rainha, ó doutor?

DOUTOR.

O estado de vossa real esposa é o mais satisfatorio possível. Ha todas as probabilidades de um parto feliz. Conto que dentro de meia hora terá vindo á luz do dia o dono ou dona desta prenda! (*Pega na corôa do rei.*)

EL-REI.

(*Zangado.*) O dono ou dona? (*Naturalmente.*) Dá cá a corôa, doutor. .. (*De máu humor, deitando a corôa.*) Pois não tens certeza de que a creança é do sexo feminino? Ha nove mezes te ordenei que empregasses toda a tua sciencia, afim de que não seja varão, e sim varôa, a primicia do meu feliz matrimonio!

DOUTOR.

Suppuz que fosse gracejo....

EL-REI.

Gracejo! pois eu gracejo com os meus vassallos!

DOUTOR.

Relevae vos diga que a sciencia, por isso mesmo que é a sciencia, submete-se aos phenomenos communs da natureza.

EL-REI.

Falla claro.

DOUTOR.

Si o filho não tiver de ser uma filha, nem vossa magestade, nem eu, nem a sciencia em peso....

EL-REI.

Então para que se inventaram as invenções? Para que diabo cursaste dez largos annos a universidade, donde sahiste ha quatro mezes somente....

DOUTOR, (*cantando sem musica.*)

Ha quatro mezes somente
Da Academia sahi ...

TODOS, (*idem.*)

Já matou radicalmente
Cinco ou seis typos d'aqui!

EL-REI.

Silencio ! (*Inclinam-se.*) Levantar cabeças ! — Pois não podes arranjar uma droga que obtenha o desejado effeito ?

DOUTOR.

Vossa magestade pede....

EL-REI.

Não peço : mando !

DOUTOR.

Manda um impossivel !

EL-REI.

Posso, quero e mando !

DOUTOR.

Senhor....

EL-REI.

Quero, mando e posso !

DOUTOR.

Mas....

EL-REI.

Mando, posso e quero !

DOUTOR.

Desta vez, vossa magestade póde querer, póde mandar, mas não póde poder !

EL-REI.

Olha que seu teu rei !

DOUTOR.

E eu o mais respeitoso dos vossos subditos !

EL-REI.

Obrigado.

DOUTOR.

Não ha de que ... O nascimento, real senhor, é questão de mero acaso ; nós nascemos homens, porque não nascemos mulheres....

EL-REI.

Boa duvida!—Não sei onde estou....

DOUTOR.

Estaes em vossa casa....

EL-REI.

Não sei onde estou, que te não esmurro....

DOUTOR.

Isso é mais facil!

EL-REI.

Senhores, atenção! Vou deitar decreto! Decreto verbal!
(Inclinam-se todos. El-rei sobe ao sofá.) Sua magestade el-rei Caju ha per bem decretar ao medico de seu paço real, doutor Escorrega, que, empregando os meos postos a seu alcance por dez annos de Universidade, faça com que sua magestade a rainha dê á luz uma creança do bello sexo. Si succeder que a creança pertença ao sexo barbado, morra por el o referido Escorrega *(Movimento do doutor.)* que assim o tenha entendido. Assignado: Eu! *(Descendo.)*
 Levantar cabeças!

DOUTOR.

Reflecti, senhor....

EL-REI.

Já reflecti maduramente.—Ah! *(Trepando ao sofá e batendo palmas.)* Post-scriptum! Post-scriptum! *(Silencio; inclinam-se.)* Si for macho, enforque-se o doutor; si for femea, faça-o barão de qualquer coisa!

DOUTOR.

Senhor!

EL-REI.

Assim o tenhas entendido! E bico! Levantar cabeças!

DOUTOR.

Com que então, desejaes que o fructo do vosso amor....

EL-REI.

O fructo, não : deve ser a fructa!

DOUTOR.

O fructo é prohibido : vá vossa magestade descansado.

EL-REI.

Bem. Assim é que gosto que me fallem. Toca lá estes ossos. (*Apertando-lhe a mão.*) Vê lá : um titulo ou o cadafalso ! (*Aos cortezãos.*) Rua ! rua ! Fazeis muita algazarra, e convem que minha augusta espoza esteja em completo socego.—Doutor, uma princeza ou...

REPITIÇÃO DO ESTRIBILHO.

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu,

Verás quem é el rei Caju !

(*Aos cortezãos.*) Marche !—Vou ver a rainha. (*Entra no quarto da rainha.*)

CÔRO

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

Oh ! que é ratão el-rei Caju !

(*Os cortezãos saem pela esquerda alta. A comitiva do rei pelo fundo.*)

SCENA II

DOUTOR

Bonito ! Ou uma princeza ou... tur lu tu tu ! Estou metido em bôa ! Não ha que ver ! o meu soberano é soberanamente tolo ! Tão tolo, que ahi pela ilha, quando alguem faz uma tollice, diz-se : E' uma cajuada ! Persuadir-se o enxovedo de que é a coisa mais natural deste mundo a realisação do seu originalissimo desejo ! O que hei de fazer ? Isto de morrer enforcado aos trinta annos não lembra ao diabo ! E o peor é que a rainha vae dar á luz um menino ! Si fosse menina, a mãe seria accommettida de dores de dentes : não foi. Na Academia ensinaram-me que, quando uma senhora de esperanças, ao subir uma escada, deita sempre em primeiro logar o pé direito, tem uma creança do sexo feminino... Ora, acontece que sua magestade deita sempre no primeiro degráu o pé esquerdo.... Estou aqui, estou enforcado !

SCENA III

o DOUTOR, MARCOS

MARCOS.

(Apparecendo ao fundo.) Doutor....

DOUTOR.

Hein ?

MARCOS.

Uma palavrinha....

DOUTOR.

Ah! és tu, Marcos ? O que queres ? Como podeste penetrar aqui ?

MARCOS.

Pelo jardim.... Quero....

DOUTOR.

Escolheste mau logar e má occasião.

MARCOS.

Mas é tão urgente...

DOUTOR.

Falla.

MARCOS.

O outro dia morreu o Belisario.... Nós, os outros pescadores, por espirito de classe, fizemos-lhe o enterro e offerecemos uma quantia á viuva, á bôa Thereza, que a dependeu inteiramente com a molestia do filhinho.

DOUTOR.

Um filhinho ? De que idade ? De que sexo ?

MARCOS.

Um menino de tres mezes *(Decepção do doutor.)*, que acaba de lhe morrer nas mãos !

DOUTOR.

(Mais despeitado.) Ora!—Mas, afinal, o que queres ?

MARCOS.

Encarreguei-me de pedir algumas pessoas que concorressem para o enterro da pobre creança; e como o doutor é das que conheço.... e se acha no caso.... não hesitei em introduzir-me no jardim e....

DOUTOR.

Fizeste bem. Toma, e deixa-me. (*Dá-lhe dinheiro.*)

MARCOS.

Agradeço-lhe por mim e por aquella desgraçada! (*Vae saindo pelo fundo.*)

DOUTOR.

Oh, que idéa! Marcos! (*Marcos volta.*) E's ainda homem em quem a gente se possa fiar?

MARCOS.

Conhece-me de creança.

DOUTOR.

Tracta-se talvez da felicidade dessa mulher.

MARCOS.

De Thereza? Ainda bem, pois que o merece, coitada!

DOUTOR.

(*Dando-lhe mais dinheiro.*) Com o que já lá tens, deve dar para o enterro. Leva lhe esse dinheiro e volta. (*Conduzindo-o ao fundo e apontando para o bosque.*) Logo que voltares, posta-te juncto áquelle cajueiro; em te eu chamando, vem cá. Não digas nada á mulher.

MARCOS.

Está dito. Até logo. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA IV

o DOUTOR

Tracta-se agora de arranjar uma menina, e substituir por ella o principe, que será confiado á tal Thereza. E' patifaria grossa, mas não o é mais fina mandar-me enforcar! Vamos arranjar uma princeza; não ha tempo a perder. (*Vae a sair; entra o pagem pela esquerda.*)

SCENA V

O DOUTOR, O PAGEM

PAGEM.

Diversas amas de leite esperam ordem para entrar.

DOUTOR.

Que contra tempo !

PAGEM.

Inscreveram-se todas para o concurso anunciado.

DOUTOR.

E sou eu que lhes devo examinar a qualidade do leite, e escolher a melhor ! Isto leva um tempo ! Podia ficar para depois que sua alteza nascesse ! Enfim, mande entrar : esperarão na ante-camara.

PAGEM.

Tomo a liberdade de observar que cada uma das amas de leite traz uma creança.... e isso póde perturbar....

DOUTOR.

(Vivamente.) Traz cada uma uma creança ? Mande entrar tudo ! Mande entrar tudo ! *(A um signal do pagem, que sae, entra pela esquerda um côro de amas de leite, cada uma com a sua creança nos braços.)*

SCENA VI

O DOUTOR, AS AMAS DE LEITE, depois VIRGINIA

CÔRO DAS AMAS.

As amas de leite,
De leite, de leite,
Vêm-se apresentar,
A ver qual se acceite,
Ou qual se regeite
P'ra dar de mamar.

DOUTOR.

Deleite, deleite,
E' ouvil-as cantar!
Quanta creança!
Quanta esperanza!
Deixem-me vêr s'estes pequenos
Gordos estão, pois si não estão,
Logico é que não convem-nos
As mães....

AS AMAS.

Pois não! pois não! pois não!

DOUTOR, (*examinando as creanças uma por uma, aparte.*)

Este é rapaz—que o leve a breca!—
Este é rapaz!—Rapaz!—Rapaz!—
Este tambem!—Tambem! que séca!
Idem, idem, idem, idem!
'Stou damnado, não duvidem;
De alguém morder sou bem capaz!

AS AMAS.

'Stá damnado, não duvidem:
De alguém morder é bem capaz!

VIRGINIA, (*entrando com uma creança nos braços.*)

Licença para dois!

CÔRO.

Ainda uma!

DOUTOR.

Quem sois?

VIRGINIA.

Senhor, tambem desejo,
Sem mais tirté, nem mais guarte,
Do concurso fazer parte.

CÔRO.

No concurso toma parte.

DOUTOR.

Deve inscrever-se....

(Reconhecendo Virginia que levanta o véu e encara-o.)

Oh! céus! que vejo!

Virginia!

VIRGINIA, *(fazendo uma mesura)*

Para o servir.

DOUTOR.

Grande escandalo antevejo
No que d'aqui vae sahir....*(A's amas, apontando-lhes a porta da esquerda baixa.)*

Senhoras, entrae!

Lá dentro esperae

A decisão que em pouco vae!

AS AMAS.

As amas de leite,
De leite, de leite
Lá vão esperar,
A ver qual se ageite,
Se ageite, se ageite
P'ra dar de mamar.*(Saem pela esquerda baixa.)*

SCENA VII

O DOUTOR, VIRGINIA

(Virginia, durante o côro, tem accommodado no sofá a creança que trazia.)

VIRGINIA.

Finalmente!

DOUTOR.

Tua presença assusta-me! Será possível que, affrontando tudo, penetrasses no paço real, para dar-me de viva voz novas edições de teus queixumes?

VIRGINIA.

(*Em tom dramático.*) Perfido! Ha trez annos eras um pobre estudante, que não tinhas onde cahir morto. Onde cahir morto! Que digo eu? Onde cahir vivo!

DOUTOR.

Filha, olha que tenho mais que fazer. Adeus!

VIRGINIA.

(*Agarrando-o pelo fato.*) Espera! vaes livrar o pae da forca?

DOUTOR.

Vou me livrar a mim mesmo, o que é mais serio!

VIRGINIA.

Nesse caso, fica. — Meu pae, honrado velho, vendo que tu nem casa tinhas para morar, e dormias ao relento como um cão sem dono, offereceu-te uma alcova em nossa casa e um talher á nossa mesa. Aceitaste a generosa offerta. Dahi por diante, as tuas olheiras, que as leváras fundas como as de um condemnado, começaram a desfazer-se. As côres rosadas da infancia voltaram-te ás faces cuja pallidez cadaverica dissiparam. E' que ás horas, que te sobravam de orgias torpes, succederam as noites bem dormidas no concavo tepido de um colchão honesto.

DOUTOR.

(*Aparte.*) Esta rapariga tem muita leitura; foi o que a perdeu.

VIRGINIA.

Ao cabo de tres mezes, disseste-me um dia....

DOUTOR.

Disse-te....

VIRGINIA.

Disseste-me: Amo-te. E o teu amor, mentido n'um olhar estudado, encontrou uma porta escancarada onde devêra encontrar um baluarte inacessivel: amei-te. O resto, tremo de repetil-o. .. Meu pae observou-nos e murmurou: Aqui ha coisa.... Chamou-me de parte....

DOUTOR.

E disse-te....

VIRGINIA.

E disse-me : Filha, os teus requebros e medeixes pelo Escorrega que, entre parenthesis, é um farroupilha, podem passar despercebidos a outros olhos que não sejam os de teu pae. Lembra-te de que já não tens mãe, e és o unico penhor de minha felicidade nesta vida. Esquece-te delle e casa com teu primo Bernardino, para quem te destinei de pequena.

DOUTOR.

Estás a perder tempo : sei disso tão bem como tu.

VIRGINIA.

Eu quizera que uma voz mysteriosa te repetisse a todo o momento essa historia de lagrimas.—Quando saí do quarto de meu pae....

DOUTOR.

Eu disse-te....

VIRGINIA.

Disseste-me: Espera-me no jardim. (*Com exagerado lyrismo.*) E foi lá, ao ciciar da brisa, ao brilho tremulo da lua, que te repeti as palavras de meu pae....

DOUTOR.

(*Aparte.*) Estou aqui, estou enforcado....

VIRGINIA.

Nesse instante, parece que o demonio te inspirou estas palavras : Amo-te, Virginia ! Luctar contra a vontade de teu pae, será malhar em ferro frio ! Fugamos ! Arranjarei um emprego qualquer ! Casar-nos-emos ! Um dia voltaremos á casa de teu pae e pedir-lhe-emos a sua benção !

DOUTOR.

Que noite aquella !

VIRGINIA.

Fugimos !... Não conseguiste.... não procuraste o emprego, e eu achei quem me desse roupa para lavar e engommar. Era d'ahi que eu tirava a subsistencia de nós

ambos. Todos os dias eu te fallava no nosso casamento, e esta palavra—Veremos—vinha morrer aos meus ouvidos como uma condemnação. Um dia, poucos mezes antes da tua fórmatura, saíste de casa e não appareceste mais ; mas, ó desgraçado ! o que não sabes é que me deixavas no seio o fructo de tua paixão maldicta !

DOUTOR.

O que ouço !... Essa creança.... (*Corre para a creança.*)

VIRGINIA.

(*Interpondo-se.*) E' tua filha !...

DOUTOR.

Minha filha !... (*Querendo tomar a creança.*) A que sexo pertence ? E' menina ? Deixa-a vêr !

VIRGINIA.

(*Interpondo-se ainda.*) Ouve o resto : ha um mez que veio ao mnudo essa pobre creança....

DOUTOR.

Oh ! não calculas o interesse....

VIRGINIA.

Mentes tu !

DOUTOR.

E onde estavas tu ?

VIRGINIA.

Em casa da Rosa.... uma pobre mulher, que se compadeceu do meu estado.—Dois dias depois do nascimento dessa pobre creaturinha, meu pae me appareceu em companhia do primo Bernardino....

DOUTOR.

E disse-te....

VIRGINIA.

E disse-me : Minha filha, eu sei o que são mulheres e sei o que são homens.... O Escorrega seduziu-te, e tu, com a fraqueza propria de teu sexo e de tua indole romanesca, escorregaste.... Eu te perdôo.... Aqui te trago o primo Bernardino, que já de muito te perdoou tambem.

DOUTOR.

Bravo! bravo! E o que te disse o primo Bernardino?

VIRGINIA.

Disse-me: Virginia, o Escorrega, á vista desta creança, não hezitará em dar-te a mão de esposo.

DOUTOR.

Hein?

VIRGINIA.

Nunca! respondi eu....

DOUTOR.

Ah! respondeste bem....

VIRGINIA.

Prefiro o seu desprezo, meu primo; a sua maldicção, meu pae; prefiro a minha desgraça.... Foi nesse instante que o primo Bernardino, illuminado pela auréola sublime da piedade, balbulciou com a voz intercortada pelos soluços: Virginia, eu sou o mesmo que d'antes era! Põe-te fina e tens marido. Amanhan vou mandar correr os banhos!...

DOUTOR.

Sublime! sublime!...

VIRGINIA.

Tu, que tens o coração de pau, não imaginas que scena! Meu pae chorava; eu chorava. Bernardino desviava os olhos para lhe não trahirmos o pranto.... a creancinha chorava....

DOUTOR.

(*Rindo-se.*) Só eu é que não choro, porque já não tenho lagrimas....

VIRGINIA.

Hoje, logo ao amanhecer, o primo Bernardino foi ter comigo....

DOUTOR.

E disse-to....

VIRGINIA.

E disse-me: Minha adorada noiva, já podes sair á rua; estás prompta para outra! Péga nessa creança e vae leval-a ao pae. Ha um bom pretexto para entrares no paço e fallares ao Escorrega: o concurso para o logar de ama de leite do principe ou princeza que está para nascer.

DOUTOR.

Dá-me! dá-me essa creança!...

VIRGINIA.

(*Vae buscar a creança.*) Aqui a tens. (*Vae entregal-a, como que se arrepende e abraça o filho.*)

ROMANZA

I

Que vás, ó penhor querido,
A sorte o quer, cruel, fatal!
Vae, que me deixas partido
O coração meu maternal....
Adeus, amores meus,
Talvez p'ra sempre adeus....
Adeus!...

II

Crescendo, tu não affagues
Desejos bons de ver-me, oh! não!
Por tua mãe não indagues,
Pois quem fui eu não te dirão....
Adeus, amores meus,
Talvez p'ra sempre adeus....
Adeus!

(*Entrega a creança ao doutor, que a examina.*)

DOUTOR.

Uma menina!... Oh! céus! que felicidade!... Virginia, Virginia!... Deixa beijar-te os pés! (*Ajoelha-se aos pés de Virginia.*)

SCENA VIII

o DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI

TERCETTO

EL-REI, (*apparecendo á porta dos aposentos da rainha.*)

Bravo, doutor ! Gostei !...

DOUTOR, *aparte.*

Ora bolas ! el rei !...

*(Ergue-se e deita a creancinha no sofá.)*VIRGINA, *aparte.*

El-rei !...

DOUTOR.

Vossa magestade malicia não deite
Em ver-me ajoelhado desta moça aos pés:
Ia examinar-lhe....

EL-REI.

O que ?

VIRGINA.

O que ?

DOUTOR.

O leite ...

VIRGINA, (*aparte.*)

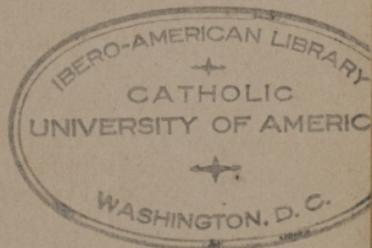
Que diz elle ?

EL-REI.

Serve ?

DOUTOR.

E' a melhor das dez.



EL-REI, *(a Virginia.)*

Já que ser a ama
Da pequena vae,
Escute o programma
Que lhe traça o pae :
Tres vezes são quantas
De dia dará de mamar,
E á noite são tantas
Quantas a pequena chorar.
Ao ter a pequena
Quatro mezes já,
Papas de maizena
Preparar-lhe-á.

DOUTOR.

Papa de araruta
Não lhe fará mal,
Sendo bem enxuta,
Tendo pouco sal.

EL-REI, *(aparte, depois de olhar muito para Virginia.)*

Que mulher tão galantina !
Ai, como olha para mim !
Quem me déra que a rainha
Tivesse uns olhos assim !

JUNCTOS.

EL-REI.

Que mulher tão galantina !

Etc , etc.

VIRGINIA.

Oh ! que cara de fuinha !
Como elle olha para mim !
Saberei, por vida minha,
Tudo, tim tim por tim tim !

DOUTOR, *(aparte.)*

Esta pobre creancinha
Que dorme neste coxim,
Veio salvar a vida minha,
Teve compaixão de mim !

EL-REI, *(ao doutor.)*

As outras amas já não são
Precisas, não !
Manda-as embora,
Sem mais demora !

VIRGINIA, (*protestando.*)

Então ? Então ?

DOUTOR, (*baixo.*)

Amor, socega :
De ti depende a salvação
Do pae da filha do Escorrega !

EL-REI.

Então, doutor ?

DOUTOR.

Lá ! vou, senhor.

(*A' porta da esquerda baixa.*)

Sem mais demora,
Vinde p'ra fóra !

Sai
D'ahi ! ..

EL-REI.

Vão já se embora,
Tumultuarias,
Que necessarias
Não são aqui !

SCENA IX

O DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI, AS AMAS DE LEITE.

(*As amas saem a correr uma atraz da outra, passando por entre os tres personagens que se acham em scena, e vão alinhar-se ao fundo.*)

AS AMAS.

Ha muito mais tempo podiam ter dito :
A gente escusava de estar a esperar !

JUNCTOS.

AS AMAS.

Ha muito mais tempo podiam, etc., etc.

VIRGINIA.

Que caso exquisito !
Que caso inaudito !
Ao principe novo vou dar de mamar !

DOUTOR E EL-REI.

Meu Deus, quanta bulha ! meu Deus ! quanto grito !
Tão alto, senhoras, não devem fallar !

EL-REI.

Leva de rumor !
Isto para quem doente
Se sente,
E' massador !

VIRGINIA.

Aqui anda algum mysterio !

EL-REI.

O doutor pallido está !

DOUTOR.

El-rei me parece serio !

OS TRES.

Hei de vêr o que será !...

(As amas de leite descem, em linha, á bocca da scena e cantam á meia-voz.)

AS AMAS.

As amas de leite
Ao principe no' o não dão de mamar....
S'tavam preparadas com estes brinquedos....

(Tira cada uma a sua gaita de sopra.)

Que o principe novo devia estimar.

(Cada uma tira um accorde da gaita, e saem todas.)

SCENA X

O DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI

EL-REI.

Como sabes, doutor, não sou homem de sciencia. Mas
deixa dizer-te : sua magestade a rainha parece que vae
dar-me um rapaz !

DOUTOR.

Porque, real senhor ?

EL-REI.

Aquelle volume....

DOUTOR.

Não quer dizer nada, senhor : o que póde acontecer é que sua magestade dê á luz uma pequena grande !

EL-REI.

Pequena grande !

DOUTOR.

Vossa magestade é um homem robusto... sua magestade a rainha é uma mulherça....

EL-REI.

Mulherça ?

DOUTOR.

A menina, quando nascer, ha de parecer que já tem para ahí um mez !

EL-REI.

Olha que a minha ameaça está de pé ! Não revogo o decreto ! Si nascer uma princeza, serás commendador....

DOUTOR.

Perdão ; mas vossa magestade havia me promettido um baronato.

EL-REI.

Vá pelo baronato.—E si fôr um principe, serás quemado vivo.

VIRGINIA.

Ai !

DOUTOR.

Vossa magestade havia dito que me mandava enforçar.

EL-REI.

Bem, bem : não havemos de brigar por isso. Escolherás a morte. Que morte preferes ?

DOUTOR.

Prefiro morrer de velhice.

EL-REI.

Escolhe outra, não faças cerimoniaes.—A fallar em cerimoniaes: é bom prevenir o mestre dellas. Desejo que a minha Augusta chara metade tenha o seu bom successo com todas as formalidades prescriptas.—Vou dar uma volta pelo jardim. Adeus, ó doutor. (*A Virginia.*) Até logo, ó.... Como te chamas?

VIRGINIA.

Virginia, uma sua creada.

EL-REI.

Minha ama.... quero dizer: de minha filha. Ai, gentes! (*Aparte.*) Que olhos! (*Alto.*) Adeus, Virgínia! (*Ao doutor que se inclina.*) Levantar cabeça! (*Desce a escada do fundo, cantarolando.*) Tur, lu, tu, tu... (*Desapparece.*)

SCENA XI

o DOUTOR, VIRGINIA

VIRGINIA.

Vamos! ergue a ponta do véu.... Tu sabes que a curiosidade foi sempre o meu fraco.... Estás envolvido em alguma conspiração?... E minha filha, minha pobre filha, arriscada a ficar sem pae?! Olha que não é por ti, miseravel; não é por ti que temo: é por ella, ouviste? E' só por ella!

DOUTOR.

Reveste-te de todo o sangue-frio, e escuta.

VIRGINIA.

Falla.

DOUTOR.

Sou um miseravel, dizes tu. Pois bem: não receias que esse miseravel não possa dar boa educação a tua filha?

VIRGINIA.

Tanto receio, que só as exigencias do primo Bernardino me obrigam a confiar-te em deposito sagrado.

DOUTOR.

(*Tomando-lhe o pulso.*) E o que dirias tu....

VIRGINIA.

Olha que não tenho febre !

DOUTOR.

Não ! Tomo-te o pulso para fazer mais effeito.... E o que dirias tu, si, em vez de ser a pobre rapariga, filha do acaso e da occasião, ella se tornasse a moça mais prendada e a mais rica de toda a ilha dos Cajueiros?! (*Inflammando-se.*) Crescesse coberta de ouro e prata, de sedas e veludos, rodeiada de innumerous vassallos, a disputar entre si a honra de lhe beijar os pés?!

VIRGINIA.

Enlouqueceste ! Fôra mister que minha filha houvesse nascido princeza !

DOUTOR.

O nascimento não quer dizer nada ; aqui estou eu, que não nasci doutor.

VIRGINIA.

Explica-te.

DOUTOR.

Em duas palavras : como sabes, sua magestade el-rei Caju é estúpido como uma porta....

VIRGINIA.

Como duas portas....

DOUTOR.

Como trez, e não fallemos mais nisso.— Imaginou que a medicina podesse fazer com que a creança que está para vir á luz pertencesse....

VIRGINIA.

Já sei : ou é uma menina, ou morres....

DOUTOR.

Morro, não : matam-me.—O meu plano é este : tu és a ama escolhida para amamentar o real pimpolho ; eu sou o medico parteiro. Combinamo-nos, e, na occasião do parto, trocamos as bolas !

- VIRGINIA.
Que bolas ?
- DOUTOR.
As creanças.
- VIRGINIA.
Ah!
- DOUTOR.
Que te parece ?
- VIRGINIA.
Mas el-rei não tem que assistir ao parto ?
- DOUTOR.
El-rei é myope : grau cinco ; não vê nada sem luneta ; farei com que a perca.
- VIRGINIA.
Mas o primo Bernardino reclama-me.
- DOUTOR.
Logo que houver nascido o menino....
- VIRGINIA.
Como sabes que é um menino ?
- DOUTOR.
(*Gravemente.*) Eu sou medico, senhora.
- VIRGINIA.
Bem sei.
- DOUTOR.
Logo que houver nascido, darás parte de doente e serás substituída....
- VIRGINIA.
Mas...
- DOUTOR.
Tu vaes casar-te ; si nossa filha ficasse em meu poder, a sociedade obrigar-te-ia a esqueceres-te d'ella. Reflecte bem: assim como assim, não seria melhor que tua filha fosse antes a filha do rei Caju ? Em vez da pobre moça sem mãe, a poderosa princeza dos Cajueiros?...

VIRGINIA.

Mas... é um esbulho!

DOUTOR.

Esbulho é enforcarem-me!

VIRGINIA.

O que se ha de fazer do principe real? Quando digo o principe real, quero dizer: o que na realidade é principe.

DOUTOR.

Queres vêr? (*Vae á grade do fundo e acena para o jardim.*)

VIRGINIA.

O que fazes?

DOUTOR.

Vaes vêr.

SCENA XII

o DOUTOR, VIRGINIA, MARCOS

MARCOS.

(*Ao fundo.*) Cá estou. (*Dirigindo-se ao doutor.*) Thereza ignora.... (*Cala-se, vendo Virginia.*)

DOUTOR.

Podes fallar.... esta senhora não é de mais.

MARCOS.

Thereza ignora de onde lhe veio o dinheiro.... Eu disse-lhe que era producto de uma subscrição.

DOUTOR.

Bem. (*Tirando um lapis e uma folha da carteira.*) Espera. (*Escreve. Musica na orchestra.*) « Thereza. Faze de conta que esse menino é o filho que perdeste; circumstancias de força maior me obrigam a occultar-lhe o nascimento. Dá-lhe o nome que quizeres: Paulo, Sanchinho ou Martinho. Mando-te uma bolsa: é para as primeiras despesas. Todos os mezes ser te-á remettida

uma quantia com que possam, tu e teu filho adoptivo, viver ao abrigo de toda e qualquer necessidade. Educa-o bem.» (*Declamando.*) E' quanto basta. (*Escrevendo.*) Misture e mande. (*Riscando.*) Ora esta! julguei que estivesse fazendo uma receita. (*Ergue-se ; cessa a musica.*) Toma este bilhete, ó Marcos. (*Leva Marcos até a grade do fundo ; desce alguns degráus da escada com elle e aponta para a direita.*) Vae collocar-te juncto á segunda janellinha azul que se vê d'aqui, e espera. Tenho de entregar-te lá uma creança, que depozitarás com este bilhete e esta bolsa na porta de Theresa.

MARCOS.

Um engeitado!

DOUTOR.

Cuidado! Tracta-se de um grande segredo. O teu silencio será largamente remunerado.

MARCOS.

E' quanto manda?

DOUTOR.

Todos os mezes virás ter comigo ; dar-te-ei uma quantia que farás chegar mysteriosamente ás mãos de Thereza.

MARCOS.

Sim, senhor.

DOUTOR.

De fórma alguma deve ella saber a origem

MARCOS.

Fique socegado. (*Querendo descer.*) E' quanto manda ?

DOUTOR.

E'. (*Marcos desce um degráu.*) Ah! (*Detem-o.*) Sabes quem vem alli? (*Aponta para baixo.*)

MARCOS.

El-rei !...

DOUTOR.

Approxima-te d'elle sem que te presinta e arrebatá-lhe a luneta ! (*Movimento de Marcos.*) Não te assustes : sem luneta el-rei não vê coisa alguma : é myope : grau cinco.

MARCOS.

Nesse caso, é facillimo. (*Desce um degráu e pára, para perguntar.*) Assegura-me que posso fazer tudo isto sem correr perigo?

DOUTOR.

(*Que já tem voltado á scena.*) Asseguro. (*A' meia voz.*) Tracta-se de salvar a honra de uma donzella de honor.

MARCOS.

Bem. (*Aparte, referindo-se a Virginia.*) Deve ser aquella : tem cara de resguardo. (*Desapparece.*)

SCENA XIII

o DOUTOR, VIRGINIA, a ENFERMEIRA

ENFERMEIRA.

(*Saindo dos aposentos da rainha.*) Senhor doutor ! Senhor doutor !

DOUTOR.

Já ? !

ENFERMEIRA.

Já.

DOUTOR.

Bem. Vá prevenir o mestre de cerimonias. Os seus serviços são desnecessarios alli. (*A enfermeira sae.*)

VIRGINIA.

São horas ?

DOUTOR.

São. Vamos, entra. Vou apresentar-te á rainha ; traze a menina.... Vou pol-a á mão.... (*Virginia péga na creança e entra para o quarto da rainha.*) Decididamente sou um homem feliz ! Sem arredar pé desta sala, arranjei tudo ! (*Acompanha Virginia.*)

SCENA XIV

NHECO, CORTEZÃOS, DAMAS DO PAÇO, depois o DOUTOR,
depois EL-REI

(Entram pela esquerda, segundo plano, precedidos por Nheco.)

CÔRO

Cautos, cautos,
E precautos,
Vamos todos esperar
Que a rainha,
Coitadinha!
Dê á luz a creancinha
Que ha de um dia governar.

NHECO.

Eu cá de cerimonia mestre
Da côrte sou!
Do são Fulgencio ao são Silvestre,
Suado estou!
Entra semestre e sae semestre,
E eu sempre a pé!
Mestre encontrar que não palestre
Difficil é!
Quando eu morrer, estatua equestre
Terei, olé!

DOUTOR, *(apparecendo.)*

Nheco, nestes aposentos
A ninguem conceda ingresso!

NHECO.

Isso está já por momentos?

DOUTOR.

Vae-se dar o bom successo....

CÔRO.

Bom successo!
Vae-se dar o bom successo!

NHECO.

Já lá está de leite a ama?

DOUTOR.

Já lá está !

NHECO.

Tudo o que manda o programma ?

DOUTOR.

Lá está já !

NHECO.

E a madama ?

DOUTOR.

Que madama ?

NHECO.

A parteira, meu amigo !

DOUTOR.

Este seu criado é.

NHECO.

Isto agora é brincadeira !

Doutor, quer mangar comigo ! ?

DOUTOR.

Do riscado entendo, olé !

CÔRO.

Olaré !

Olaré !

Do riscado entende, olé !

DOUTOR.

Onde está el-rei Caju ?

NHECO.

E' verdade: el-rei Caju ?

CÔRO.

Onde estás tu,

El-rei Caju ?

EL-REI, (*vindo do fundo a tactear, sem luneta.*)

Cá estou ! cá estou ! por Belzebuth !

Estava eu lá—parece incrível !
 A passear pelo jardim,
 Qundo uma sombra horrenda, horrível,
 Caê do ar por cima de mim !
 Era um phantasma
 Deste tamanho !...
 Oh ! si te apanho,
 Faço-te assim....

CÔRO.

Era um phantasma !
 E' caso estranho,
 Que a todos pasma !

EL-REI.

Quero apanhal-o,
 Vou segural-o ;
 Mas o ratão
 Piza-me um callo !
 Eis que resvalo....
 Bumba ! no chão !
 Perco a luneta
 E o sangue frio !
 Parece peta !
 Que corropio !
 Caio aqui, caio acolá !
 Acho-me cégo !
 Negro qual prego
 Tudo em meu redor está !...
 Era um phantasma
 Etc. etc.

CÔRO.

Era um phantasma !
 Etc., etc.

DOUTOR.

Real senhor, não ha um momento a perder !

EL-REI.

Quem vaê ao meu quarto buscar outra luneta ? (*Entra um cortezão á direita, segundo plano.*)

DOUTOR.

Senhor, senhor ! Vêde o que prescreve a Constituição !

EL-REI, (*zangado.*)

Ora ! a Constituição !

DOCTOR.

Venha, venha, real senhor! *(Fal-o entrar á força para os aposentos da rainha e entra tambem. Fecha a porta por dentro.)*

NHECO.

(Aos cortezãos.) Que vida trabalhosa a minha! Hão de crêr que, desde que estou ao real serviço de sua magestade, ainda não tive tempo de tomar um banho!

TODOS.

Oh!

NHECO.

E' o que lhes digo.... Ainda agora, eu ia descendo para o banheiro, quando a enfermeira veio prevenir-me.... Vamos a isto.

(O cortezão, que tinha ido buscar a luneta ao quarto do rei, volta com ella.)

SCENA XV

NHECO, FIDALGOS, FIDALGAS, depois OS MINISTROS, depois OS CONSELHEIROS DE ESTADO, depois a BAILAIDEIRA DO PAÇO, depois EL-REI.

FINAL

NHECO.

Agora é já, sem mais tardar,
A porta sellar!

(Um pagem tem trazido lacre, luzes e carimbos em uma bandeja de ouro. Dous cortezãos lacram e sellam as portas do aposento da rainha.)

CÓRO.

Agora é já, sem mais tardar,
Lacrar, sellar,
Sellar, lacrar !...

NHECO.

Nesta sala esperar deve,
Segundo a Constituição
Prescreve,
Todo o conselho de estado,
E o ministerio—pois não!—
Fardado.

CÔRO.

Eis o conselho de estado,
Respeitavel, respeitado!

(Entrada de meia duzia de conselheiros muito velhos, a dansarem de mãos dadas uns aos outros.)

Tur lu tu tu,
Tur lu tu tu!

Tem bom conselho el-rei Caju!
— Eis que chega o ministerio,
Muito serio, muito serio....

(Entrada de meia duzia de ministros, com suas respectivas pastas, a marchar uns atraz dos outros.)

Tur lu tu tu,
Tur lu tu tu!...

Ministros são d'el-rei Caju!..

CÔRO GERAL.

Cautos, cautos
Etc., etc.

NHECO.

Agora exijo
Que danse um passo,
Em signal de regosijo
A bailadeira do paço!

(Entra uma bailadeira.)

PASSO DE DANSA.

(Findo o passo de dansa, abre-se violentamente a porta lacrada, e entra el-rei Caju, trazendo nos braços uma creança, envolvida n'um rico manto bordado a ouro.)

EL-REI.

A luneta! a luneta!...
Quero vêr a principeta!...

(Collocam-lhe a luneta no nariz.)

Que linda està!!

CÔRO.

Que linda está!

A CRIANÇA, (*chorando.*)

Ah! ah! ah! ah!....

EL-REI.

Que linda é!

CÔRO.

Que linda é!

A CRIANÇA.

Eh! eh! eh! eh!

EL-REI.

Mais nunca vi!

CÔRO.

Mais nunca vi!

A CRIANÇA.

Ih! ih! ih! ih!

EL-REI.

Linda ella só!

CÔRO.

Linda ella sò!

A CRIANÇA.

Oh! oh! oh! oh!

EL-REI.

Que linda és tu!

TODOS, (*imitando a criança.*)

Uh! uh! uh! uh!

EL-REI.

Nheco, vê que já se ri....

Dez minutos tem de idade!

NHECO.

Não admira, pois é fi-

Lha de vossa magestade!

(*Espalha-se na sala dos espectadores um cheiro de alfazema.*)

EL-REI.

Oh ! que cheiro de alfazema !

NHECO.

Oh ! que cheiro de alfazema !

TODOS, (*aspirando.*)

Um ! um ! um ! um !

Que bonissimo systema

Ô de queimar alfazema,

Si ao mundo vem

Gentil nen-nen !...

EL-REI.

Estou louco de amor

E de prazer possesso !

Nomeio o meu doutor

Barão do Bomsucesso !...

(*A' bocca de scena.*)

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

'Stá satisfeito el-rei Caju !

TODOS.

Tur lu tu tu !

'Stá satisfeito el-rei Caju !...

ACTO PRIMEIRO

Praia. Ao fundo, o mar. A' esquerda, uma cabana. A' direita uma grande arvore, cujas ramagens, prolongando-se, formam as bambolinas.

SCENA PRIMEIRA

MARCOS, PESCADORES, depois CREADAS

Ao erguer o panno, a scena está vazia.

INTRODUÇÃO

CÔRO, *(ao longe.)*

Do lar ao rimanso

Lá vou,

Que a vez do descanso

Chegou !

(Chegam á praia duas canôas tripoladas por Marcos e pescadores, que saltam para terra, trazendo cestos de peixe.)

CÔRO.

Que viver folgado,
Pesar de arriscado,
Viver a pescar!
Não ha quem se queixe
De haver pouco peixe
No fundo do mar.

MARCOS.

Tocae as buzinas,
E venham, meninas,
O peixe comprar !

(Toque de buzina pelos pescadores.)

TODOS.

Ao som das buzinas
Vão vir as meninas
O peixe comprar !

(Entra um grupo de creadas, munidas de cabazes.)

CREADAS.

A noite começa
Começa a cahir,
Por isso depressa
Nos devem servir.

PESCADORES.

A noite começa
Começa a cahir,
Por isso é depressa
Que as vamos servir.

(Durante este côro as creadas enchem os seus cabazes de peixe que compram e pagam aos pescadores.)

AS CREADAS.

Adeus! Adeus!

MARCOS.

Um momento!

Que minha voz eu vou soltar ao vento!

BARCAROLA.

I

Minha barquinha ligeira,
Feiticeira,
Leva-me longe d'aqui!
Singra esse mar docemente,
Suavemente....
Eu todo me entrego a ti!
Ai, lô lê!
Ai, lô lê!
Ao largo, qu'enche a maré!

TODOS.

Ai, lô lê, etc.

MARCOS.

A lua triste e formosa
Surge airosa,
Surge airosa lá nos céus!
E a brisa que ajuda o leme
Chora e geme
Passando nos mastareus.
Ai, lô lê! etc.

(A's creadas).—Estou satisfeito. Podem ir embora.

AS CREADAS.

Adeus, adeus! (*Saem por diversos lados, como entraram.*)

MARCOS.

Bem. Desta vez os cestos ficaram vazios.— Rapazes, a noite parece que é boa... Vão tractar da vida, que a morte é certa.

OS PESCADORES.

Até amanhã, Marcos! (*Entram para as canôas.*)

MARCOS.

Até amanhã.

CÔRO DE PESCADORES.

Do lar ao rimanso

Lá vou,

Que a vez do descanso

Chegou!

(*As canôas afastam-se e as vozes perdem-se ao longe.*)

SCENA II

MARCOS

A ocasião é excellente. A tia Thereza está sosinha em casa e Paulo erra nos mares, a pescar sardinhas e a entoar barcarolas. Vamos lá deixar a mezada. (*Tira uma bolsa e vae deital- a por baixo da porta de Thereza.*) Prompto! E dizer que faço isto ha vinte annos! Toca a safar! (*Vae saindo. Thereza abre a sua porta.*)

SCENA III

MARCOS, THEREZA

THEREZA.

(*Vendo-o.*) Adeus, ó Marcos! (*Dando com a bolsa.*) Ah! cá está.... cá está....

MARCOS.

(*Voltando.*) Olá, tia Thereza!... (*Aparte.*) Si me vio....

THEREZA.

Que novas me dás de Paulo ? Viste-o por ahí ?

MARCOS.

Vi-o a pescar.

THEREZA.

Saio de casa pela madrugada.... vae cahir a noite, e nem signal ! E' incorrigivel ! Só a minha paciencia !

MARCOS.

(*Que tem deitado lume a um cachimbo.*) Na verdade, dão muito que fallar os modos mysteriosos de seu filho.

THEREZA.

Meu filho.... Antes o fosse !

MARCOS.

Mas é como si o fosse : vive em sua companhia desde a tenra idade.

THEREZA.

Quando veio para a minha companhia, ha vinte annos, poderia ter poucas horas de nascido. Foi n'uma epoca terrivel para mim.... Meu marido e meu unico filho haviam morrido.... eu estava reduzida á mais negra miseria....

MARCOS.

Mas Paulo foi o seu anjo bom ; não é assim ?

THEREZA.

Dizes bem : foi o meu bom anjo. Engeitaram-o á minha porta, é verdade ; mas, ao mesmo passø que me sobrearregavam com a pensão de educal-o, substituiam meu filho e garantiam-me subsistencia honrada.

MARCOS.

(*Aparte.*) A quem ella o diz....

THEREZA.

Entre os pannos em que o envolveram, achei uma bolsa recheiada e uma carta que assim dizia : (*Recita a carta escripta pelo doutor no prologo. A mesma musica na orchestra.*)

MARCOS.

E a tia Thereza, justiça se lhe faça, cumpriu religiosamente a mysteriosa incumbencia.

THEREZA.

Cumpri. Dei ao menino o nome de Paulo, que, dos tres apontados, foi o que melhor me pareceu. Recebeu uma educação de principe.

MARCOS.

De principe ?

THEREZA.

Isto é um modo de fallar.

MARCOS.

E todos os mezes é infallivel o dinheiro ?

THEREZA.

(*Mostrando-lhe a bolsa.*) Vês ? Agora mesmo acabo de encontrar, mettida por baixo da porta, a mezada correspondente ao mez que hoje principiou. Graças a esse dinheiro, a nossa existencia tem sido descansada e feliz. O que me dá que pensar, é a negação absoluta que Paulo, desde os mais verdes annos, revelou pelo trabalho. Quando soube do mysterio em que se acha envolvido o seu nascimento, e da mezada certa que eu percebia, disse: Bem! esse dinheiro chegamos : não é preciso trabalhar.

MARCOS.

Nasceu para fidalgo....

THEREZA.

Nasceu fidalgo, deves dizer. O seu prazer é andar pelos bosques ou pelo mar : quem lhe tirar a caça ou a pesca, tira-lhe tudo.

MARCOS.

E, segundo me consta, é outro exquisitão a respeito de mulheres....

THEREZA.

Não fazes idéa, Marcos ! Nunca ninguem lhe conheceu namoro ! A Petronilha.... sabes ?

MARCOS.

Sei, tia Thereza ..

THEREZA.

Pois bem : a Petronilha gosta delle.... Estou mesmo convencida de que o ama devéras.... e não ha meio !

MARCOS.

Deixe lá, tia Thereza : Paulo não é nenhum sancto ; aquillo é que as faz pela calada.—Olhe, si me não engano, é elle que alli passa ao largo.

THEREZA.

E' elle.... é...

MARCOS.

Deixa-se levar pela correnteza...
(*Paulo passa pelo fundo, sentado á prôa de uma canôa, que desliza suavemente nas aguas, e canta o seguinte.*)

BARCAROLA

o) mar que rugé raivoso
Medo nunca me causou!
As minhas velas ás brisas,
A's brisas eu soltar vou.
Meu Deus, como se parecem,
Quando a noite é de luar,
Os pyrilampos da terra
Co'as ardentias do mar.

(*Desapparece pelo lado opposto.*)

MARCOS.

Bom. Vae longo o palanfrorio. Adeus, tia Thereza.

THEREZA.

Vou comtigo. Tenho que dar umas voltas. Deixa-me dar uma á chave.

MARCOS.

Uma ! o que?

THEREZA.

Uma volta. (*Tira a chave e mette-a por baixo da porta.*)
Cá fica por baixo da porta. Paulo já sabe onde a deve encontrar.

MARCOS.

Vamos, tia Thereza. (*Saem.*)

SCENA IV

PETRONILHA

(Entra arrebatadamente pelo lado opposto áquelle por onde saíram Marcos e Thereza.)

COPLAS

I

Eu sou Petronilha,
 Moça original,
 Que não tem rival
 Em toda esta ilha ;
 Ninguem pelos campos
 Me apanha a saltar ;
 E lá recuar
 Nem chuvas, relampos,
 Coris os
 E riscos
 Que sempre formigam,
 Me obrigam !
 Eu sou Petronilha, etc., etc.

II

Como eu quem maneja
 Qualquer varapau ?
 De faca e calhau
 Não sei quem mais seja !
 S'tou doída de amores :
 Meu fraco aqui está ;
 Mas olhem que lá
 Cabellos e flôres,
 E cousas,
 E lousas
 Que as outras empregam,
 Não pegam !
 Eu sou, etc.

Paulo já deve estar de volta. (*Batendo á porta.*) Paulo !
 Paulo ! Dar-se-á caso que não voltasse ainda ?... (*Bate.*)

A tia Thereza, essa não está, que a vi ir daquelle lado em companhia de Marcos. (*Batendo.*) Paulo! Paulo! Aposto que não quer abrir, porque já me reconheceu a voz! É não é outra coisa! Pirracento! (*Bate.*) Qual! (*Desce á scena.*) E dizer que me entrou este amor no coração como uma praga! Amo-o, adoro-o, e elle despreza-me, como si eu não fosse digna de seus cuidados! — Ah! mas agora resolvi mudar de tactica, e exigir o seu amor, como os salteadores exigem a bolsa ou a vida dos viandantes na estrada. A mulher está no seu direito, deixando de corresponder a este ou áquelle affecto, mas o homem... Faça-me o favor! Nada! ha de ir por aqui, si por aqui o mandarmos. Era o que faltava: estar eu agora á mercê dos caprichos do senhor Paulo! Ou elle ama-me, ou deito-me a perder! (*Vae bater á porta.*) Paulo! Paulo! Abre, abre ou deito hombros á porta! Ah! não ouves? não queres abrir?! Lá vae! (*Tenta arrombar a porta. Durante a ultima parte deste monologo, Paulo tem entrado pelo fundo e observado.*)

SCENA V

PETRONILHA, PAULO

PAULO.

(*Do fundo.*) O' mulher, não me escangalhes a porta!

PETRONILHA.

(*Puxando-o pelo braço á bocca da scena.*) Ha duas horas que estou a bater!

PAULO.

E que culpa tenho eu disso?

PETRONILHA.

Não podias ter dito que não estavas em casa?

PAULO.

Vamos saber: o que deseja a senhora? Si ainda me vem offerecer o seu amor, o melhor é calar-se, porque, a esse respeito, resolvi pôr em pratica o adagio: orelhas moucas a palavras oucas!

PETRONILHA.

Sim, senhor: tracta-se de amor, mas note bem: não lh'o venho offerecer: venho impor-lh'o; entende? Arrebatal-o, arranca-o á força desse coração de pedra!

PAULO.

Ora ouve, e deixa-te de desatinos!

PETRONILHA.

Vamos lá!

PAULO.

COPLAS

I

Mal empregaste esse affecto:
Vê si o empregas melhor;
Vae procurar outro objecto
Para o teu férvido amor.
Si te causo algum desgosto,
Bem mereço o teu perdão,
Pois amor não é imposto,
Lançado no coração.

PETRONILHA.

Si eu fosse de faniquitos,
Trimiliques, trimilaques,
Dava agora quatro gritos,
Tinha agora tres ataques!...

PAULO.

II

A correnteza de um rio,
Si alguma pedra topar,
Ha de tomar um desvio,
Ha de outro rumo tomar;
Faze tu como o regato,
Essa pedra, eil-a aqui está....
Tão bom conselho e sensato
Ninguem te deu nem te dá.

PETRONILHA.

Si eu fosse, etc., etc.

PAULO.

Que queres que eu te faça ? Reconheço que és uma excelente rapariga, que nada deixa a desejar : bonita, virtuosa, trabalhadeira....

PETRONILHA.

E apatacada.

PAULO.

Isso é o menos; mas enfim.... és uma mulher como se quer. Feliz do homem que se fizer teu marido !

PETRONILHA.

Então ? O que mais queres tu ? Amo-te, por que te distingui de todos os pintalegretes da ilha, e tu desprezas tão generoso affecto !

PAULO.

O meu coração não foi feito para o amor. Adeus, minha amiga, não me queiras mal; offereço-te uma amizade de irmão, como nos romances. Aceitas ? Si aceitas, muito bem; si não, viva !

PETRONILHA.

Nada ! não quero assim ! Desejo que me ames para casar.

PAULO.

Isto é o que se chama a faca aos peitos !

PETRONILHA.

Vamos : faze-me a vontade.

PAULO.

Não está em minhas mãos.

PETRONILHA.

Mas está em teu coração; procura bem, que acharás.

PAULO.

Não tenho coração.

PETRONILHA.

Anda, dá cá um beijo, e eu te mostro si tens ou não tens coração....

PAULO.

Estás douda! Eu dou lá beijos no meio da rua! (*A scena vae ficando escura a pouco e pouco.*)

PETRONILHA.

Então entremos.... Onde está a chave?

PAULO.

Tu enlouqueceste, mulher!

PETRONILHA.

Vae, pedaço d'asno! A culpada sou eu, que me não devia apaixonar por um engeitado!

PAULO.

Si sou o engeitado da familia, tu és a engeitada do amor. Ella por ella!

PETRONILHA.

Olha que te esmurro!

PAULO.

Pois esmurra! (*Procurando a chave.*) Nem assim conseguirás que te eu ame! (*Abre a porta, entra e fecha-se.*)

PETRONILHA.

Paulo! Paulo!...

PAULO.

Adeus! adeus!

SCENA VI

PETRONILHA

Aqui anda coisa.... Quem não come é porque já comeu, dizia meu avô. Mas digo eu: quem não come está para comer. Deixa estar que não te perco de vista. (*Olhando para dentro.*) Quem vem alli?! Uma mulher com o rosto inteiramente encoberto por um véu! Quem sabe si.... (*Escondendo-se atraz da arvore.*) Observemos.

SCENA VII

PETRONILHA, escondida, a PRINCEZA, ao fundo,
PAULO, que sae da cabana cautelosamente.

PAULO.

São horas de chegar a minha mysteriosa amante. Custei a vêr-me livre d'aquella maldita Petronilha!

PETRONILHA, (*aparte.*)

Obrigada.

PAULO, (*vendo a princeza.*)

Ah! Era tempo! Eil-a! (*Corre para a princeza e tral-a á bocca da scena.*)

PETRONILHA, (*aparte.*)

Então? Sempre ha palpites....

DUETTO

PRINCEZA.

Paulo!

PAULO.

Meu anjo!

PRINCEZA.

Aqui me tens!

A tremer venho....

PAULO.

A tremer vens....

PRINCEZA.

Será saudade ou ciume
O abalo que sinto aqui?
A pobre rolinha implume,
Ao verde ninho arrancada,
Não fica tão magoada
Como eu, si longe de ti!

PAULO.

Será ciume ou saudade
A causa desta emoção ?
Tristeza cruel me invade,
Pungente dor me quebranta,
Si tardas, ó minha sancta,
Si tardas, meu coração !

JUNTOS.

O' meu } amante,
O' minha }
Charo penhor,
Que doce instante
Do nosso amor !
Amo-te muito :
Ama-me assim !
Amo-te muito,
Meu cherubim !

PAULO.

Mas quero cõfim saber quem és, ó doce amada !

PETRONILHA, (*aparte.*)

Ah ! si ella o diz, estou vingada !

PRINCEZA.

Saber não desejes,
Meu Paulo, quem sou !

PAULO.

Amor, não gracejes,
Que soffrego estou....

PRINCEZA.

Saber tu não deves
Quem sou, donde vim.

PAULO.

Porque não te atreves
A dizer-m'ó a mim ?

PRINCEZA.

Segredos eu tenho....

PAULO.

Convenho, convenho ;
Mas diz-m'os !

PETRONILHA, (*aparte.*)

Emfim!

PRINCEZA, (*com mysterio.*)

Eu a princeza sou dos Cajueiros!

PAULO

A princeza!... Tu?!

PETRONILHA, (*aparte.*)

Tur lu tu tu

Tur lu tu tu!

A filha! o' ceus! d'el-rei Caju!...

(*Saindo, com gestos ameaçadores.*)

Vou-me vingar destes brejeiros!

PAULO.

E's a princeza!

PRINCEZA.

E no emtanto,

Amo-te tanto, amo-te tanto....

JUNTOS.

O' meu { amante,
O' minha }

Charo penhor,

Que doce instante

Do nosso amor!

Amo-te muito:

Ana-me assim!

Amo-te muito,

Meu cherubim!

SCENA VIII

PAULO, A PRINCEZA

PAULO.

Mas tu.... vossa alteza....

PRINCEZA.

Qual vossa alteza! Tracta-me por tu.... Ora ahi está! Por essas e outras é que eu queria guardar o incognito.

PAULO.

Princeza! Filha do rei! E' impossivel então que nos unamos! Nada pôde haver de commum entre nós, sinão o esquecimento mutuo.

PRINCEZA.

Porque?

PAULO.

Sou um pobre engeitado....

PRINCEZA.

Que importa! Fugiremos!

PAULO.

Fugir! pois ha de vossa alteza....

PRINCEZA.

Tracta-me por tu, sim?

PAULO.

Desprezarás as honras que te cercam, o sceptro de ouro que te aguarda, para seguir um miseravel, sem passado, sem presente e sem futuro?!

PRINCEZA.

Deixa dizer-te, e acredita: o viver da côrte me enfastia, faz-me mal aos nervos. Depois que morreu minha mãe, e já lá vão tantos annos, apoderou-se de mim um desapego tal pela côrte.... O que deu motivo a tanto azedume? Não sei, não sei.... O que é certo é que não me sinto princeza.... Os meus instinctos são todos burguezes e triviaes. Quizéra viver tranquilla, ao lado de um maridinho como tu.... a pontear meias, a marcar lenços....

PAULO.

Eu, o inverso, senhora! Porisso mesmo que nasci sem pae nem mãe; porisso mesmo que sou o infimo dos homens, sinto-me talhado para as regiões supremas do poder! Ah! que si eu pudesse mandar cortar uma cabeça.... ou duas.... ou todas, como Caligula! Por ser o menor, desejava tornar-me o maior.... Para que? Para vingar-me talvez! Para ter occasião de desprezar os que me desprezam!

PRINCEZA.

Admiras-te de me ver aqui? O amor tinha para mim irresistivel encanto. Eu não o conhecêra nunca, mas adivinhava-o.

PAULO.

Não o conhecias?

PRINCEZA.

Não ligava o nome.... Quem se atreve na côrte a levantar os olhos para a infanta? O amor é-lhe interdicto. Um dia, mandam o seu retrato a um principe de outro reino, e dizem-lhe, ao principe: Ahi vae a amostra, vêde si vos agrada. Si assim fôr, mandae buscal-a. E' sacrificando as princezas que se apertam laços entre as nações. Não nos casamos por amor: casam-nos por diplomacia. Ah! politica! politica!

PAULO.

Meu anjo!

PRINCEZA.

Ante-hontem, descobri no meu aposento uma porta secreta que dá para o jardim. Descobri no jardim outra porta secreta que dá para a rua.... E' hoje! disse eu comigo. E saí! Vi-te, e amei-te. D'ahi é que principiei a ligar o nome....

PAULO.

Mas.... si dão pela tua ausencia?

PRINCEZA.

Não dão. Tenho por costume fechar-me por dentro. O unico que poderia interromper a minha solidão é meu pae; mas esse anda todo entretido com a duqueza da Guarda-Velha!

PAULO.

A duqueza da Guarda-Velha!

PRINCEZA.

Uma fidalga estrangeira, que foi ha dias apresentada á côrte... Uma excellente senhora. Ama-me como si me conhecesse de velha, data. Diz-se no paço que meu pae casa com ella. E' uma felicidade! Eu não escolheria outra madrasta!

(*Musica. Aparece no mar uma sumptuosa gondola, cheia de lanternas multicores. Dentro da gondola distinguem-se a duqueza da Guarda-Velha e o barão do Bom Succeso.*) Oh! céus! Saíamos, fujaamos d'aqui! E' ella!....

PAULO.

Ella quem?

PRINCEZA.

A duqueza da Guarda-Velha! O que virá aqui fazer? Ai! O barão vem com ella! Não ha mais tempo! Viram-me! Estou perdida! Condemnam-me á morte!

PAULO.

Cala-te! (*Leva-a para a cabana.*)

PRINCEZA.

Ah! (*Entram ambos na cabana.*)

SCENA IX

O BARÃO, A DUQUEZA, GONDOLEIROS e DAMAS de
COMPANHIA

Noite completa. Luar.

CANTO

CORO GERAL.

Da Guarda Velha eis a duqueza!

Cá s'tá! Cá s'tá!

Melhor senhora com certeza

Não ha! Não ha!

BARÃO.

(*Saindo da gondola e offerecendo a mão á duqueza para sair tambem.*)

Eis-vos, emfim, chegada

A' praia desejada.

(*Aparte.*) Não sei porque,
Nem para que.

DUQUEZA.

Muito obrigada.

BARÃO.

Não ha de que.

DUQUEZA, (*a uma dama.*)

Manda embora os gondoleiros :
Volto a pé.

TODOS.

Volta a pé !

AS DAMAS.

Ide embora, gondoleiros,
Ide ligeiros,
Que a duqueza volta a pé !
Um de seus caprichos é.

GONDOLEIROS.

Da Guarda-Velha eis a duqueza ! etc., etc.

(*As gondolas desaparecem com os gondoleiros, e as damas ficam ao fundo.*)

COPLAS.

I

DUQUEZA.

Não me foi a sorte avara,
Eu não me devo queixar.

BARÃO, (*sempre aparte.*)

Não me é estranha aquella cara,
Mas não me posso lembrar.

DUQUEZA.

A ventura bem se esconde ;
Mas, no emtanto, a descobri.

BARÃO.

Não sei quando, nem sei onde
Aquelles olhos já vi.

AS DAMAS.

Como é bella esta paragem !
Fresca aragem
Corre aqui !

II

DUQUEZA.

Da pobreza que victoria !
Pois duqueza eu hoje sou !

BARÃO.

Dou mil tractos á memoria
E, comtudo, em branco estou...

DUQUEZA.

'Spero em breve ser rainha,
Pois el-rei morre por mim !

BARÃO.

Ai, que cabeça esta minha !
Nunca vi cabeça assim !

AS DAMAS, (*descendo á scena.*)

Que logar ! que formosura !
Que frescura !
Que jardim !

DUQUEZA.

(*A's damas.*) Afastae-vos ! Ide admirar os prodigios desta natureza privilegiada. Preciso conversar a sós com sua senhoria, o senhor barão do Bom Successo. (*Aparte.*) A casinha deve ser esta.

(*As damas afastam-se para o fundo onde se dividem em grupos.*)

REPETIÇÃO.

AS DAMAS.

Que logar ! que formosura !
Que frescura !
Que jardim !

DUQUEZA.

Afinal ! Chegou enfim o momento ! (*Dirigindo-se ao barão e fitando-o.*) Olha bem para mim ! Não me conheces ?

BARÃO.

Duqueza !

DUQUEZA.

Desconheces-me ! não assombra ! ha vinte annos que não nos vemos... as physionomias transformam-se....

BARÃO.

Ah! Virginia!!

DUQUEZA.

Mas ouve: eu reconheci-te á primeira vista. Assim devia ser: conservava de tia mais dolorosa impressão.... Era impossivel que se me varressem da memoria esses olhos, que me mentiram.... esses labios, que me mentiram.... esse nariz....

BARÃO.

Nada! o nariz é que te não mentio.... E folgo de vêr que ainda não déste de mão ao teu romantismo.

DUQUEZA, (*em outro tom.*)

Dê-me excellencia, barão.

BARÃO.

Dê-me senhoria, duqueza.... e expliquemo-nos.— Desde que vossa excellencia chegou, que tenho buscado adivinhar em suas feições a physionomia de outra pessoa. Vossa excellencia é a Virginia, a minha pobre Virginia, emendada e consideravelmente augmentada. Vossa excellencia dignar-se-á, si tanto mereço, explicar-me o modo pelo qual se opérou tão estranha metamorphose.

DUQUEZA.

Muito simplesmente, barão: vossa senhoria lembra-se de que, logo depois de casado com o primo Bernardino, fomos, eu e elle, correr mundo? Depois de andarmos por Seca e Meca, resolvemos firmar a nossa residencia na ilha da Guarda-Velha.

BARÃO.

O que? Pois foram a Seca e Meca e não deram um pulo até Olivaes de Santarem, que é tão perto?....

DUQUEZA.

Oito annos depois, meu marido morreu deixando-me uma avultada riqueza. Dois annos depois da morte de meu marido, comecei a ser requestada pelo fidalgo mais poderoso da ilha, o duque da Guarda-velha, senhor feudal em dez leguas de terreno e homem de senso pratico. Casei com o duque da Guarda-Velha. Seis annos depois, enviuei pela segunda vez. Ha quatro annos que me succedeu essa catastrophe.

BARÃO.

Vejam de que escapei! Si me tivesse casado com vossa excellencia, estava a estas horas no outro mundo!

DUQUEZA.

Deixei passar no feudo a minha lua de mel....

BARÃO.

Outra?

DUQUEZA.

A lua de mel da viuvez... E aqui estou. Vamos ajustar contas, senhor barão: vossa senhoria sabe onde quero bater?

BARÃO.

Perfeitamente. Vossa excellencia quer bater áquella porta... Agora percebo porque a duqueza me pediu que a acompanhasse a este sitio....

DUQUEZA.

Ainda bem que o percebe. Sem querer, fui informada de que é alli que vive aquelle cujos direitos extorquimos por amor da cabeça de vossa senhoria e por amor de minha filha.

BARÃO.

De nossa filha, duqueza.

DUQUEZA.

De nossa filha, barão.—Pedi então a vossa senhoria que me acompanhasse a esta praia, para, de viva voz e em sua presença, informar-me si foram cumpridas as suas obrigações. Si assim não succedeu, trema: vossa senhoria não deve ignorar que foi hoje tractado o meu casamento com el-rei Caju.

BARÃO.

Não, senhora duqueza, e esse casamento é uma grande honra para mim.... porque, emfim, eu.... mas lembre-se vossa excellencia de que mesmo porque eu.... *in illo tempore* .. comprehende? não póde lançar-me no abysmo, sem ser arrastada na queda pelo meu corpo....

DUQUEZA.

Emfim, viveremos como os anjos, si o barão cumpriu o que prometteu ha vinte annos. Serei feliz ao lado de minha filha....

BARÃO.

De nossa filha, duqueza.

DUQUEZA.

De nossa filha, barão.—Hei de habitual-a a dar-me o tractamento de mãe.

BARÃO.

Eu é que não posso obrigar-a a chamar-me pae.... e no entanto, amo-a....

DUQUEZA.

Sei que a ama, e agradeço-lhe.... Mas... vamos....

BARÃO.

Não é preciso : ahi vem a mulher a cujos cuidados está entregue o principe. Ella nos dirá....

DUQUEZA.

Silencio....

SCENA X

OS MESMOS, THEREZA, que vae atravessando a scena para entrar em casa, depois EL-REI

BARÃO, (*embargando-lhe a passagem.*)

Senhora Thereza....

THEREZA.

Quem é ?

BARÃO.

Um momento de attenção. Conhece-nos ?

THEREZA.

Ah ! o medico do paço!

BARÃO.

Então já vê que não somos para ahi quaesquer noctivagos.—Esta senhora deseja tomar certas informações....

THEREZA.

Estou ás suas ordens, minha senhora. Não quer entrar ?

DUQUEZA.

Por ora não. Diga-me cá... *(Toma-a de parte e falla-lhe baixo. El-rei entra, embuçado dos pés á cabeça, sem ser presentido pela duqueza, e bate levemente no hombro do barão.)*

BARÃO.

El-rei !

EL-REI.

O que vieste aqui fazer em companhia da duqueza ?

BARÃO.

Sua excellencia quiz admirar esta praia.... Faz um luar esplendido.... Pediu-me que a acompanhasse....

EL-REI.

E' singular ! no momento em que firmamos o nosso contracto de matrimonio, abandona-me, para vir admirar uma praia ! Ah ! barão ! quem me vio e quem me vê ! Quem diria que aquelle el-rei Caju, o energico, havia de tornar-se um babão por esta mulher ! Julguei não dever contrahir segundas nupcias ; mas o amor, barão, o amor....

COPLAS

I

Para ser livre, tinha resolvido
 Não mais casar-me. Que dirás, ó povo ?
 Mais, ai ! de amores, ó barão, perdido,
 Caio n'asneira de casar de novo.

O amor de nós dá cabo !

E' o diabo !

AMBOS.

E' o diabo !

EL-REI.

II

A ninguem poupa de Cupido a setta ;
 Ninguem se isenta de ser alvo d'ella :
 Si o mais altivo coração espeta,
 O mais altivo coração debella !
 O amor de nós dá cabo !
 E' o diabo !

AMBOS.

E' o diabo !

EL-REI.

E sabes o que aqui me trouxe, barão? O ciume.... Ora aqui tens tu: teu rei tem ciumes!—Quem é aquella mulher com quem conversa á duqueza ?

BARÃO.

Uma pobre creatura.... A duqueza, sempre que se lhe apresenta ensejo, dá expansão ao sentimento da caridade, que é o apanagio de seu bonissimo character.

EL-REI.

Ah !

DUQUEZA.

Muito bem. Aprecio as suas virtudes, e hei de premial-as. (*Voltando-se.*) Estou satisfeita, barão. (*Vendo o rei.*) Quem é ?

EL-REI.

(*Desembuçando-se.*) Eu, duqueza !

THEREZA.

(*Aparte.*) El-rei ! Que quer isto dizer?! (*Entra em casa.*)

DUQUEZA.

(*Perturbada.*) Vossa magestade ! Que agradavel surpresa !

EL-REI.

Porque não me ordenou que a acompanhasse ?

DUQUEZA.

Oh ! senhor.... não me atrevia....

EL-REI.

Nada de cerimonia.... Não sei estar um instante longe da duqueza.... Estou cahido, estou derreado.... Oh! como a amo!

BARÃO.

(*Que tem olhado para os bastidores.*) O que é aquillo?
Um grupo!

EL-REI.

Vamos para alli. Não convem que nos reconheçam. (*Reunem-se os tres ás damas que se conservaram ao fundo.*)

SCENA XI

Os mesmos, os MINISTROS, NHECO, PETRONILHA
(*Os ministros e Nheco trazem cada um a sua lanterna furta-fogo na mão. Petronilha conduz-os.*)

FINAL

PETRONILHA.

Já cá não estão!

(*Apontando para a cabana.*)

Entrem; alli os acharão!

NHECO.

Isto parece estranho!

Ha já vinte annos que não tomo banho!

PETRONILHA.

Não ha tempo a perder!

Os melros podem as azas bater!

(*Dirigem-se todos com muito mysterio para a cabana.*)

NHECO.

Vamos lá! vamos lá!

NHECO E MINISTROS.

Cautela!

Cautela!

Baixa a voz!

Que a bella

Que a bella

Não dê por nós...

OS OUTROS.

O que quer dizer aquillo ?
Que quer aquillo dizer ?

BARÃO.

Eu não estou nada tranquillo !

DUQUEZA.

'Stou a tremer !

DAMAS.

'Stou a iremer !

NHECO, (*batendo á porta.*)

Em nome abrí d'el-rei Caju !

EL-REI.

D'el-rei Caju !

TODOS.

Em nome d'el-rei Caju !...

(*Abre-se a porta e entram na cabana Petronilha, Nheco e os ministros, repetindo o côro.*)

Cautela ! etc.

SCENA XII

EL-REI, BARÃO, DUQUEZA, DAMAS, CORTEZÃOS,
depois NHECO, PETRONILHA, PAULO, a PRIN-
CÉZA, os MINISTROS.

CÔRO DE CORTEZÃOS.

(*Entrando em confusão.*)

Será possível !
Não pôde ser
Que succeder
Possa este facto ;
Mas, si assim for,
Que espalhafato !
Que horror ! Que horror !

OS QUE ESTÃO AO FUNDO.

O que será ?

O que haverá ?

Do paço a gente toda aqui está !...

(Saem da cabana os ministros e Nheco, segurando em Paulo e na princeza. Acompanha-os Thereza e Petronilha. Assombro geral. Perturbação do barão e da duqueza.)

NHECO E OS MINISTROS.

Cá 'stão !

Precisam bem de uma lição !...

EL-REI.

Exijo disto explicação !

NHECO.

Quem és tu ?

EL-REI, *(deixando cair a capa.)*

El-rei Caju ! . .

TODOS.

El-rei Caju !...

NHECO.

Somente vos direi

Que vossa filha está perdida, ó senhor rei !

EL-REI.

Perdida !

DUQUEZA.

Perdida !

BARÃO.

Perdida !

TODOS.

Perdida !

EL-REI.

Por minha vida !

Vaes-me explicar no mesmo instante !

PRINCEZA.

Pois não ! Pois não ! Eis meu amante !

PAULO.

Sou seu amante !

PAULO E A PRINCEZA.

Estamos perdidos !
 Fatal situação !
 E em breve mettidos
 Em negra prisão !...

CONCERTANTE.

DOUTOR E A DUQUEZA.

Não posso salvar-me !
 Fatal situação !
 Vae prejudicar-me
 Tal complicação !

EL-REI.

Eu caio !
 Desmaio !
 Tombar vou no chão !
 Foi como que um raio !
 Foi um furacão !

TODOS.

Immoveis de pasmo
 Todos aqui estão !
 Que enorme sarcasmo !
 Que insulto á nação !...

PAULO E A PRINCEZA.

Que desgraça infinda !
 Que negro soffrer !
 Tão novos ainda,
 Nós vamos morrer !

REPETIÇÃO DO CONCERTANTE.

EL-REI.

Tudo esqueceste, tudo, princeza !...

PRINCEZA.

Meu pae, attenda !

EL-REI.

Não sou teu pae !
E tremam todos ! A vossa alteza
Castigo horrendo ser dado vae !

TODOS.

Ser dado vae !

EL-REI.

I

Quer como pae, quer como rei,
Abuso tal castigarei !
Mas conheço,
Reconheço
Que o amor de nós dá cabo....
E' o diabo !...

TODOS.

E' o diabo !

EL-REI, (a Paulo.)

II

E a ti, plebeu, villão ruim,
Mandarei dar na forca fim !
Mas no entanto,
Não é sancto !
E o amor de nós dá cabo....
E' o diabo !...

TODOS.

E' o diabo !...

EL-REI.

Senhores meus minstros,
Tomae ares sinistros,
E os dois heroes levea !

(Encarando Paulo.)

Mas agora reparo !
Caso realmente raro !
Este insensato
De minha mulher é o retrato !...

TODOS.

Justiça ! Justiça !
Justiça fatal !
Não haja preguiça
Para um caso tal !

PAULO E A PRINCEZA

Cruel castigo
Não nos importe !
E' doce a morte
Ao lado teu !
Viver na terra
Não nos é dado !
Vem ao meu lado
Viver no ceu !

CORO GERAL.

Mas na verdade,
Na realidade,
O amor de nós dá cabo....
E' o diabo !...
E' o diabo !...

ACTO SEGUNDO

Sala do conselho no palacio d'el-rei Caju. A scena está armada para um julgamento. No centro uma mesa, coberta com veludo. Bancos em volta.

SCENA PRIMEIRA

CORTEZÃOS, depois NHECO, depois os MINISTROS,
depois EL-REI.

Ao levantar o panno, cada um dos cortezãos está a arranjar os bancos, e a espanal-os. De vez em quando param o seu serviço e impõem-se mutuamente silencio.

CÔRO.

Pscio ! Pscio ! Pscio !...
Ninguem levante a voz neste salão !
Haja silencio e discrição !
Pscio ! Pscio ! Pscio !...

(Entra Nheco. Todos se curvam.)

NHECO.

Oh ! não façaes cerimonias
Com quem dellas mestre está !

(Recommendam-lhe silencio, e, por gestos, pedem que lhes diga o que se tem passado.)

Vós sois pessoas idoneas :
Vou dizer-vos o que ha.
Atenção !

TODOS.

Pscio !

NHECO, *(baixo.)*

Atenção !

TODOS.

Pscio !

Haja silencio e discrição !

(NHECO, (com *mysterio*.)

I

Caso exquisito
Que é de pasmar,
Facto inaudito
De embasbacar,
Hontem, constricto,
Presenciar
Fui muito afflicto,
Quasi a chorar !

CORO.

Psio !...

NHECO.

II

Digo e repito
Que é de assombrar !
Nomes não cito,
Que, si os citar,
Desacredito
Quem devo amar !
Nomes evito
Pronunciar....

CORO.

Psio !. .

NHECO.

III

Eu me limito
Tal nova a dar;
Nomes omitto,
Que é mau palrar....
Não facilito....
Sei me guardar !
Tudo hei vos dito....
Vou-me banhar !

(*Vae fugindo. Os outros impedem-lhe a passagem.*)

OS CORTEZÃOS.

Não se vá !
 Venha cá !
 Do que ha
 Nos fará
 Narração,
 Confissão !
 Far-nos-á
 Descrição !

NHECO.

(Volta, e, depois de muito mysterio, irrompe alto.)

Tra la la la !
 Mettida em máus lençóes nossa princeza está !

TODOS.

Tra la la la !
 Etc., etc.
 Ai, que o caso é muito serio !

NHECO.

Eis que chega o ministerio !
(Arranjam-se todos a um lado da scena.)

ENTRADA DOS MINISTROS.

Ministros somos
 Do rei melhor ;
 Chamados fomos
 Para compôr
 O conselho feroz que vae julgar
 A princeza que deu p'ra namorar !

NHECO, *(approximando-se.)*

Na qualidade de mestre
 De cêrimonias, que sou,
 Fazer discurso que preste
 Neste instante tentar vou.

EL-REI, *(entrando.)*

Silencio ! o teu discurso é natural dispense-o
 Quem está como estou eu !

TODOS.

El-rei Caju ! . . .

EL-REI.

Silencio !

(Descendo á scena, sombrio.)

Tor ló tó tó !

Tor ló tó tó !

El-rei Caju quer ficar só....

TODOS.

(Saindo mysteriosamente.)

Tor ló tó tó

Tor ló tó tó !

El-rei Caju quer ficar só....

NHECO.

(Saindo por ultimo, ao som dos derradeiros compassos.)

Este momento apanho

Para tomar um banho...

SCENA II

EL-REI

El-rei Caju quer ficar só... E para que quer ficar só el-rei Caju ? Apenas para retardar este julgamento, porque, afinal de contas, sou rei, mas tambem sou pae ! Sou pae ! e hei de passar pela semsaboria de ver subir ao cadafalso a minha querida filha ? Sim, que a Constituição é clara neste ponto, apezar de escura em todos os outros. *(Tirando um livrinho do bolso e lendo.)* « Artigo duzentos. Toda a pessoa real que, esquecendo o decoro que deve a si propria e ao povo, dér escandalo publico, será julgada por um conselho composto de quatro ministros de estado e, averiguado o delicto, condemnada á pena ultima. » Si se podesse sophismar este maldito artigo duzentos ! Vejamos por partes : « Toda a pessoa real... » Minha filha é ou não é pessoa real ? E'. E' real. E' realmente real ! Mas tambem quem se lembra de fazer um artigo contra as pessoas reaes ? Vejam si, nas partes descobertas do universo, os principes vão ao cadafalso por causa destas ninharias !... « que, esquecendo o decoro que deve a si propria e ao povo... » Disto se esqueceu ella.... Comeu queijo.... « dér escandalo publico.... » Escandalo foi ! Lá ser, foi.... E' o diabo ! Não ha meio de

sophismar! E o conselho não póde estar á espera! (*Vae a chamar o conselho e pára.*) Mas, afinal de contas, qual é o crime de minha filha? A pobre pequena passava aqui uma vida levada de todos os diabos. Um dia deu-lhe a mosca.... e.... psit! Isto acontece á mais pintada! E não é que o rapaz é um rapagão? Sympathiso com elle.... é uma coisa exquisita! Que bonitos olhos! Parecem-se tanto com os de sua magestade a fallecida minha mulher ... Que olhos! vamos lá ver esta gente.... Enquanto julgam, vou pensar.... Hei de achar furo. (*Vae á porta por onde saíram os ministros.*) Olha esse conselho que saia! (*Sae pelo lado opposto.*)

SCENA III

NHECO, os MINISTROS

(*Entrando a disputar.*)

OS MINISTROS.

Não póde ser! não ha tempo!

1.º MINISTRO.

Com mil raios! Pois o senhor mestre de cerimoniaes quer abandonar-nos no momento do conselho!

2.º MINISTRO.

Era o que faltava!

3.º MINISTRO.

Tomar banho quando o serviço do estado reclama-o!

4.º MINISTRO.

Incuria!

NHECO.

Mas, senhores ministros...

1.º MINISTRO.

Com mil bombardas!

NHECO.

Ha vinte e tantos annos que não tomo banho!

4.º MINISTRO.

Quem esperou tanto tempo, póde esperar mais duas horas!

1.º MINISTRO.

Vamos! Mande entrar os reus, ou fuzilo-o, com m canhões!...

NHECO.

Este ferrabraz bem mostra ser ministro da guerra! (A um gesto seu, entram Paulo e a princeza, escoltados por guardas, e cortezãos de ambos os sexos, ao som de uma marcha triste. Sentam-se todos. Os ministros em volta da mesa. Os cortezãos nos bancos. Os reus em bancos especiaes.)

SCENA IV

OS MINISTROS, NHECO, CORTEZÃOS, GUARDAS, PAULO, a PRINCEZA, depois os ADVOGADOS

NHECO, (aproximando-se.)

Como mestre de cerimonias que sou, vou proceder á leitura do artigo da Constituição do reino, que tem relação com o caso vertente. (Tira a Constituição do bolso.)

OS MINISTROS.

(Tirando cada um a sua Constituição.) Nós todos sabemos. (Abrem os livros.)

TODOS, (menos os reus.)

E nós! (Estão todos de livro na mão; leitura geral do artigo duzentos. Lendo:) « Artigo duzentos. Toda a pessoa real que, esquecendo o decoro que deve a si propria e ao povo, dêr escandalo publico, será julgada por um conselho composto de quatro ministros de estado e, averiguado o delicto, condemnada á pena ultima. »

1.º MINISTRO.

Mande entrar os advogados. (A um gesto de Nheco, entram os dois advogados)

1.º ADVOGADO, (muito alegre.)

Meus senhores, minhas senhoras, bom dia.

2.º AVOGADO, (*sorumbatico.*)

Bom dia.

4.º MINISTRO.

Diabo! este aposto que é o da accusação!

2.º AVOGADO.

Está enganado: sou o da defesa.

4.º MINISTRO.

Ah!

2.º AVOGADO.

Mas acredite que é contra a vontade.... O meu desejo era vel-a morta....

TODOS.

Oh!...

1.º AVOGADO, (*sempre muito alegre.*)

Pois eu, apesar de vir accusal-a, queria vê-la livre de culpa e pena. Que diabo! Amar nunca foi crime!

TODOS.

Oh!

1.º AVOGADO, (*ao collega.*)

Uma proposta: vá o senhor accusal-a; eu irei defendel-a.

2.º AVOGADO, (*vivamente.*)

Acceito.

1.º MINISTRO.

A seus logares, com mil duzentas e trinta e quatro espingardas! (*Os advogados tomam logares. Erguendo-se.*)
Estão em presença deste tribunal.... porque, não sei si sabem, isto é um tribunal,—dois reus.

3.º MINISTRO.

Não apoiado!

2.º MINISTRO.

Como não apoiado?

2.º MINISTRO

Não são dois reus: é um reu e uma ré. (*Todos riem.*)

1.º MINISTRO.

Silencio! com cem cartuchos!—Cumpre-me fazer uma observação.... *(Ao quarto ministro que ainda se ri ás gargalhadas.)* Esteja quieto, menino! *(O quarto ministro ri-se cada vez mais.)* O culpado é sua magestade, que fez ministro um fedelho, que ainda cheira a cueiros. *(O quarto ministro fica muito serio.)* Cumpre-me fazer uma observação. O julgamento do reu Paulo, aqui presente, era da competencia do jury popular; mas como o povo tem mostrado de algum tempo para cá certas tendencias democraticas, julgamol-o nós, para que não nol-o absolvam por lá.—O conselho.... porque, não sei si já lhes disse, isto é um conselho.... o conselho conhece a historia deste processo sumario: por denuncia de uma mulher do povo, o ministerio, que se achava reunido por amor do tractado de casamento de sua magestade, o ministerio foi encontrar a herdeira presumptiva da corôa em casa do pescador Paulo. Emquanto o rei tractava de dar uma mãe á princeza, esta comprazia-se talvez em dar um neto ao rei.—Vossa alteza tem que allegar alguma coisa em sua defeza?

PRINCEZA.

Em minha defeza, não; mas na de Paulo: elle não sabia quem eu era.

3.º MINISTRO.

Vossa alteza namorava incognito?

PAULO.

Nego! Eu sabia perfeitamente quem era sua alteza!

1.º MINISTRO.

Tem a palavra o advogado da accusação!

COPLAS E CONCERTANTE

2º ADVOGADO, *(erguendo-se.)*

I

Ha muito tempo eu não accuso
Delicto assim tão desmarcado!

UNS.

Muito apoiado!

OU ROS.

Não apoiado!

2.º ADVOGADO.

Senhores meus, tão grande abuso
Deve de ser bem castigado !

{ UNS.
Muito apoiado !
OUTROS.
Não apoiado !

2.º ADVOGADO.

Está na vossa consciencia.
Que a tal indecencia
Exemplo bom deve ser dado !

{ UNS.
Muito apoiado !
OUTROS.
Não apoiado !

2.º ADVOGADO.

Mais não digo,
Não prosigo !
O que foi vós bem sabeis !
Eu só quero,
Só espero
Que se cumpram nossas leis !

(*Senta-se.*)

{ UNS.
Muito apoiado !
OUTROS.
Não apoiado !

1.º MINISTRO.

A palavra agora tem
Da defeza o advogado.

1.º ADVOGADO, (*erguendo-se.*)

II

O deus de amor tem uma venda :
Cupido é muito endiabrado !

{ UNS.
Muito apoiado !
OUTROS.
Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Eu não sei mesmo o que defenda :
No' é crime amar nem ser amado !

{ UNS.
Muito apoiado !
OUTROS.
Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Está na vossa consciencia
Não ser indecencia
Ter a princeza um namorado !

{ UNS.
Muito apoiado !
OUTROS.
Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Mais não digo,
Não prosigo !
Não é crime crime tal !
Um namoro,
Sem decoro,
Nessa idade era fatal !

(Senta-se.)

PRINCEZA, *(levantando-se vivamente do lugar em que esta, e vindo á bocca da scena.)*

TANGO.

Amor tem fogo,
Tem fogo amor ;
Tem fogo intenso,
Devorador !
Põe-nos em jogo
O coração,
Nosso bom senso,
Nossa razão !
E lavra,
Palavra !
Sem descansar ;
Começa
Depressa,
Custa a acabar....

TODOS.

(Erguendo-se machinalmente e acompanhando o can'ô com um ligeiro movimento de corpo.)

Amor tem fogo,
Etc., etc.

PAULO.

Todos amam: japonezes,
Chinezes, inglezes,
Francezes, maliezes,
Portuguezes, co:dovezes,
Genovezes, irlandezes,
Hamburguezes, lubequezes,
Islandezes, hollandezes,
Genebrezes, escossezes !
Aragonezes,
Piemontezes,
Dinamarquezes,
Carthaginezes !

1.º AVOGADO.

Em vez de matal-os,
Casal-os p'ra bem !

2.º AVOGADO.

Em vez de casal-os,
Matal-os convem !
Matal-os !

2.º AVOGADO.

Casal-os !

CORO.

Muito apoiado !
Não apoiado !

(Disputa geral, animada e calorosa.)

CORO GERAL.

Amor tem fogo,
Tem fogo amor ;
Etc., etc.

1.º MINISTRO.

Toca a safar ! O conselho, porque saibam que isto é um conselho, tem que deliberar. *(Os fidalgos retiram-se. Aos guardas.)* Direita volver ! Marche ! *(Os guardas saem.)*

2.º MINISTRO.

Mas havemos de deliberar em presença dos reus ?

1.º MINISTRO.

Passemos á sala das deliberações. Senhor mestre de cerimónias, fica-lhe confiada a guarda destes dois pombinhos.—Vamos ! (*Ao terceiro ministro.*) Mexa-se !

2.º MINISTRO.

Tambem é tão gordo ! Vejam que barriga !

4.º MINISTRO.

Podéra ! é ministro das finanças !... (*Saem.*)

SCENA V

PAULO, a PRINCEZA, NHECO

NHECO.

Vossa alteza provavelmente vae morrer.... Ao menos morre limpa.... Eu-parece que decididamente morro sem tomar banho ! Faça idéa vossa alteza de que hoje, logo pela manhan, introducção de vossa futura madраста, augusta noiva de vosso augusto pae. Ao meio dia, preparação da sala do conselho. Eu pretendia tomar o meu banho, emquanto deliberavam; mas eis que me ordenam que vos guarde. E todos os dias são assim !

PRINCEZA.

Nheco, és meu amigo ?

NHECO.

Quem póde vêr-vos sem querer amar-vos ?

PRINCEZA.

Pois bem; si te mereço piedade, deixa-nos a sós um momento.

NHECO.

Dexar-vos a sós, serenissima princeza ? Vossa alteza não vio que me confiaram a vossa guarda ? Não, isso não faço eu ! O mais que posso fazer é fechar os olhos.... (*Cantando.*)

Oh ! não façaes cerimónias
Com quem dellas mestre está....

PRINCEZA.

Nheco, tu nunca amaste?

NHECO.

Nunca tive tempo de tomar banho, quanto mais de amar....

PAULO.

Descance, que não fugimos.... Amamo-nos.... Precisamos da solidão e do silencio para desafogar....

NHECO.

Ainda si eu tivesse tempo de metter-me n'agua....

PRINCEZA.

Anda.... faze-nos a vontade.... Antes de morrer, pedirei a meu pae que te aposente....

NHECO.

Com o ordenado por inteiro ?

PRINCEZA.

Sim.

NHECO.

Então, vá lá!... Si apanho a aposentação, hei de passar o resto dos meus dias mettido n'um tanque!—Até logo! (*Aparte.*) Não irei para muito longe.... Nada, que si fuisse.... (*Sae.*)

SCENA VI

PAULO, a PRINCEZA

(*Correm um para o outro, abraçam-se e beijam-se ardentemente.*)

AMBOS.

Emfim!...

PAULO.

Que sorte nos aguardará?...

PRINCEZA.

E fui eu que te perdi....

PAULO.

Tu?! Oh! não! Não fallemos nisso....

PRINCEZA.

Vivias feliz e despreoccupado, em companhia dessa excellente mulher a quem tanto deves, e que a estas horas treme pelo teu destino.... A caça.... a pesca.... era essa a tua existencia descuidada! Que fatalidade nos atirou nos braços um do outro!

PAULO.

Foi uma fatalidade, foi; mas não te recrimines, porque me considero feliz na minha desgraça! Morro contigo! Estava-me reservada essa ventura suprema!

PRINCEZA.

Meu pobre Paulo!

DUETTO

PAULO.

Que sorte funesta!

PRINCEZA.

Que funesta sorte!

PAULO.

Nada mais nos resta....

PRINCEZA.

Resta-nos a morte....

* AMBOS.

Abrem-se os céus! Nas azas de ouro,
A morte vae nos conduzir!
Junctos, ó meu casto thesouro,
A' eterna luz vamos subir!

PRINCEZA.

Castigo não se me afigura,
Mas divinal, supremo bem,
A doce paz da sepultura
Que o fado meu trazer-me vem!

PAULO.

Eu morro satisfeito!
Acaba a minha dôr!
Gelado, negro leito
Encontra o meu amor!

JUNCTOS.

PAULO.

Eu morro satisfeito!
Acaba a minha dôr!
Gelado, negro leite
Encontra o meu amor !

PRINCEZA.

Serenas, ó meu peito,
Acabas, minha dôr!
Gelado, negro leite
Encontra o meu amor.

NHECO, (*entrando.*)

Então ? vossa alteza já desafogou ? Era tempo ! Ahi volta o conselho !... (*A musica prolonga-se em surdina até o final da seguinte scena.*)

SCENA VII

PAULO, a PRINCEZA, NHECO, os MINISTROS,
os ADVOGADOS, CORTEZÃOS, GUARDAS

1.º MINISTRO.

Serenissima senhora, o tribunal, porque, afinal de contas, por mais que me digam, isto é um tribunal.... O tribunal, dizia eu, usando da faculdade que lhe faculta o artigo duzentos da Constituição do reino, acaba de proferir a sentença, que tem de ser cumprida tanto por vossa alteza como pelo individuo Paulo. Estaes ambos condemnados á pena ultima.

2.º ADVOGADO.

Appello !

1.º MINISTRO.

Não ha appellação nem agravo !—Guardas, sentido, com tres mil buxas ! Meia volta á direita, e prendam ! prendam ! (*Tres guardas levam Paulo e tres a princeza. Saem todos graves e silenciosos, como entraram. A scena fica só por alguns momentos. Cessa a musica.*)

SCENA VIII

o BARÃO, a DUQUEZA, depois EL-REI

(A duqueza entra afflicta; o barão acompanha-a no mesmo estado de agitação.)

DUQUEZA.

Não ha remedio sinão confessar tudo a el-rei!

BARÃO.

Eu perco a cabeça!—E perco mesmo: isto não é figura de rhetorica... Vê vossa excellencia como o demo as arma, duqueza....

DUQUEZA.

Estou resolvida a tudo, comtanto que salve minha filha!

BARÃO.

Nossa filha, duqueza....

DUQUEZA, (de mau humor.)

Nossa filha, barão!

COPLAS

I

Por minha filha salvar
Do cadafalso,
Mil passos pretendo dar,
Embora em falso....
Soffrerei negra afflicção,
Eterna magua,
Si der minha pretensão
C'os burros n'agua!

Sou muito forte,
Mas desvelada;
Desesperada,
Nervosa estou!
Quem já vio sorte
Que mais capriche?
Madre infelice,
Misera sou!

II

Para salva-a verá
 Que me rebaixo,
 Embora o throno se vá
 Por agua abaixo !
 Si não lhe alcanço o perdão....
 Qu'escaramuça !
 Hei de pintar o Simão
 De carapuça !

Sou muito forte,
 Etc., etc.

BARÃO.

Ahi vem sua magestade. Falle-lhe, que não tenho animo para isso. Uf! Não me posso ter nas pernas !

EL-REI.

(*Entrando, angustiado.*) Barão, barão ! andava á tua procura, meu velho amigo ! Tenho-te buscado por toda a parte ! Onde te metteste ?

BARÃO.

Estava receitando : vossa magestade soffreu um violento abalo moral : precisa medicar-se. A receita, cuja confecção levou-me tres horas, já foi enviada para a botica.

EL-REI.

Quem te falla aqui em despeza.... quero dizer : em receita? O que eu quero é salvar minha filha ! Põe-te em meu lugar: faze de conta que és seu pae ! Faça de conta que é sua mãe, duqueza.— Tu, que tanto a estimas, barão, não te lembras de algum meio ? Não se póde sophismar aquelle maldito artigo duzentos ?

DUQUEZA.

(*Irresoluta, ao barão.*) Vae ?

BARÃO.

Vá ! Um, dois, e.... tres !

DUQUEZA.

(*Resoluta.*) Saiba vossa magestade que a princeza, si ama o pescador Paulo, não leza a magestade, nem offende o povo, que a venera.

EL-REI.

Porque?

DUQUEZA.

Porque ama a um principe!

BARÃO.

(*Comsigó*) Um, dois, e... tres! (*Alto.*) Real senhor, o principe Paulo é vosso filho!

EL-REI.

Meu filho!....

BARÃO.

Vossa magestade lembra-se do que me disse ha vinte annos, quando vossa real esposa estava para dar á luz? « Doutor, ha de ser uma menina ou ... Tur, lu, tu, tu, tur, lu, tu, tu.... verás quem é el-rei Caju! » Ora, como a creança que estava para nascer era um menino e não uma menina, procurei uma menina para substituir o menino, levei o menino para fóra, eduquei-o longe das vistas de vossa magestade, e a menina tem até hoje passado por vossa filha. Acontece que vinte annos depois desta trapalhada, a menina apaixonou-se pelo menino, o menino pela menina, e....

EL-REI, (*interrompendo-o tragicamente.*)

Horror! horror! tres vezes horror! As abobadas deste palacio repercutam ainda uma vez esta palavra: Horror!... e esta outra: Horror!

BARÃO.

E' a mesma.

EL-REI.

Afinal de contas, tiveste rasão. O teu dever era salvar a propria vida. Isso não impede, porém, que houvesse feito uma grandissima maroteira!

BARÃO.

Foi por instincto de conservação.

EL-REI.

Por isso é que o rapaz parece-se tanto com minha mulher! Porisso é que sympathiso tanto com elle....

A DUQUEZA.

A natureza, oh ! a natureza !...

EL-REI.

Mas quem é o pae de minha filha ? quero dizer—da sup-
posta princeza ? Não lh'a entrego nem a cacete ! (*Terrível.*)
De quem é filha ?... Responde !...

T E R C E T T O

BARÃO.

E' minha filha !
Seu papae sou !

DUQUEZA.

E' sua filha !
Quem tal pensou ?

EL-REI.

E' sua filha !
Seu pae não sou !
Cruel partilha,
Desgraça pura,
A sorte escura
Me reservou !

BARÃO.

I

Sob este corpo cansado
Que o tempo quasi vergou,
Sob este corpo, coitado !
Um oração já pulsou....
Na flôr de minha existencia
Todo aos estudos me dei ;
Namorado da sciencia,
Em vez de amar, estudei.

Por isso,
Ah ! Ah !
Por isso,
Ah ! Ah !

Tive somente um derricho,
Olá !

II

Cataplasmas e calmantes,
 Ungentos e fricções;
 Laxantes e mais laxantes;
 Cerotos, basilicões,
 Sulfatos, plantas, alteias,
 Tudo o mais, que não direi,
 Foi com essas panacéas
 Que a mocidade passei!
 Por isso,
 etc., etc.

EL-REI.

E esse derricko foi, barão, que te valeu
 A filha que passou por ser trabalho meu?

(A um gesto affirmativo do barão.)

Passei por pae de quem não era!
 Passo por pae de quem não sou!
 Punido has de ser tu, podéra!
 Um juramento aqui te dou!

Ah!...

(Dá uma grande volta pela scena, parodiando os artistas lyricos italianos, e vem requebrar-se perto da duqueza.)

Oh! je t'aime, je t'aime! je t'aime!
 Deixa, ó bella, dizer-t'o em francez!
 Vê, meu anjo, vê que a voz me treme!
 Oh! je t'aime, je t'aime em francez!

JUNCTOS.

EL-REI.

Oh! je t'aime, je t'aime, je t'aime!
 Etc., etc.

BARÃO.

Que ella o ama, que o ama, que o ama,
 Caso é certo, mesmo sem francez!
 Ora, faça a vontade á madama!
 Ora, faça, que o peço por tres!

DUQUEZA.

Oh! je t'aime, je t'aime, je t'aime,
 Oh! je t'aime, meu bem, como vês!
 Vê, meu anjo, vê que a voz me treme...
 Oh! je t'aime, je t'aime em francez!

(O barão e el-rei dão junctos outra volta por toda a scena, prolongando a ultima nota, que a duqueza corta de subito, tapando-lhes as boccas quando descem á scena, e cantando.)

DUQUEZA.

Pois si me adoras,
 Como protestas
 E como atestas,
 Meu coração,
 Oh ! tu que um'alma
 Tens, e tão bôa,
 Meu bem, perdôa,
 Dà-lhe o perdão !

JUNCTOS.

DUQUEZA.

Pois si me adoras,
 Etc., etc.

EL-REI.

Eu que te adoro,
 Oh ! pura ! honesta,
 Mulher modesta,
 Meu coração,
 Hei de, que o pedes,
 Hei de lançar-lhe
 Hei de atirar-lhe,
 O meu perdão !

BARÃO.

Si és bom sob'rano,
 Como protesta
 E como atesta
 Teu coração,
 Oh ! tu que um'alma
 Tens, e tão bôa,
 O' rei, perdôa,
 Dá-me o perdão !

EL-REI.

Mas sem castigo não desejo eu que fique este mariola !...

DUQUEZA.

E' melhor que as coisas fiquem no pé em que estavam.
 —Vossa magestade tem amor de pae á princeza, não tem ?

EL-REI.

Por força.

DUQUEZA.

O principe Paulo passará por filho de sua magestade o rei da ilha da Guarda-Velha.

EL-REI.

O meu augusto visinho ?

A DUQUEZA.

Depois de entender-me com elle, annuirá ao meu pedido,
 e perfilhal-o-ha.

BARÃO.

(*Aparte.*) Hum....

EL-REI.

Sim, podemos contar com o assentimento do collega, que nada te recusa, como já me disseste. Demais, sabendo que o Paulo é meu filho....

BARÃO.

(*Timidamente.*) E' verdãde.

EL-REI.

Bico, senhor barão.—Senhor barão! Nada! De hoje em diante não é mais barão! Si está feito barão por ter nascido uma menina! Estás elevado a visconde, marotó! E' o teu castigo!—Vae chamar essa sucia! (*O barão sae.*) Vou annular o julgamento.... e, para segurança de minhas netas, convocar uma constituinte, para revogar o tal artigo duzentos. (*Volta o barão.*)

SCENA IX

EL-REI, o BARÃO, a DUQUEZA, NHECO, os MINISTROS, os ADVOGADOS, FIDALGOS, FIDALGAS, GUARDAS, depois PAULO, a PRINCEZA.

EL-REI.

Trazei minha filha e sua alteza o principe Paulo para esta sala!

TODOS.

O principe Paulo!

DUQUEZA.

Essê que suppondes um simples pescador....

BARÃO.

O reu.

EL-REI.

E' um principe disfarçado. Tudo isto foi uma comedia. Queria experimentar-vos. Sois integros.

1.º MINISTRO.

(*Aos guardas.*) Direita volver! Ide buscar os reus, com trinta mil carabinas! (*Saem os guardas e voltam com Paulo e a princeza.*) Está portanto annullada a sentença

proferida pelo conselho, sim, que aquillo, digam o que quizerem, foi um conselho.

EL-REI.

(*A Paulo que entra com a princeza e os guardas.*)
Principe Paulo, dê cá um abraço !

PAULO.

Principe ! !...

BARÃO.

(*A Paulo.*) Tudo será mais tarde explicado a vossa alteza.

PAULO.

Alteza ! ...

EL-REI.

(*Depois de abraçar e beijar o principe.*) Dê a mão á princeza : é sua !

PRINCEZA.

Paulo !

PAULO.

E Thereza ? Uma vez que sou principe...

BARÃO.

Não vos dê cuidado.

EL-REI.

O barão não deve ficar impune. Mas.... qual deve ser o castigo ?

UM LACAIO.

(*Entrando, acompanhado de dois homens que trazem grandes caixas.*) Aqui estão os remedios de vossa magestade, receitados pelo senhor barão. A botica ficou vazia.

EL-REI.

Leva-os para fóra, (*Saem o lacaião e os homens. Ao barão.*) Querias que eu ingerisse aquella pharmacia ? Por causa do meu abalo moral, não é assim ? Mas como a filha era tua e não minha, tu é que has de tomar aquellas drogas ! (*Aparte.*) Achei um castigo....

BARÃO.

(*Aparte.*) Morri.

EL-REI, *(tomando a mão da duqueza.)*

Apresento minha noiva á côrte. *(A' princeza e a Paulo.)*
Casar-nos-emos no mesmo dia... *(Grandes mesuras dos*
cortezãos.)

FINAL

CÔRO GERAL.

Viva el-rei Caju !

Viva o

Rei Caju !...

PRINCEZA.

E', papae, do meu agrado,
Seja Nheco aposentado.

EL-REI.

Ha de ser aposentado !

NHECO.

Si aposentação apanho ,
Oh! que permanente banho !

PAULO.

O meu pedido é mais serio:
Deite abaixo o ministerio !

EL-REI.

Caia, pois, o ministerio !

(A um gesto seu, os ministros caem no chão.)

COPLA AO PUBLICO.

Sei que o desejo, e unico,
Dos miseros auctores,
Meu respeitavel publico,
E' de fazer-te rir ;
Assim pois á comedia
Dispensa os teus favores,
E seja o ministerio
O unico a cahir.

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

Eis o que quer el-rei Caju !

CORO GERAL.

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

Eis o que quer el-rei Caju !...

BIBLIOTHECA THEATRAL DO EDITOR SERAFIM JOÉS ALVES

83—Rua Sete de Setembro—3

As tribulações de um inspector de quartirão, scena com.	\$200
A historia de um marinheiro, contada por elle mesmo, scena comica.....	\$200
Um alho, scena comica de Eduardo Garrido.....	\$200
Em vespas de casamento, scena comica, em continuação a Um alho!.....	\$200
Uma victima do jogo, scena comica.....	\$200
Cerração no mar, scena dram.....	\$200
Cegueira ou bebedeira? parodia da precedente.....	\$200
Faz-me o favor de seu fogo? dialogo comico.....	\$200
Alto vareta? scena comica.....	\$200
Um conductor de omnibus, s. c.....	\$200
O orphão, s. dram.....	\$200
O assassino, s. dram.....	\$200
João Bobo, scen. com.....	\$200
Unhas de Fome, scen. com.em verso.....	\$200
O Cosinheiro e a Quitandeira, scen. com.....	\$200
O Sachristão de S. Nunes, scen. com.....	\$200
Um phosphoro em dias de eleições sc. c.....	\$200
Manoel Corisco, cançoneta maritima.....	\$200
O malfadado, por J. M. Senna.....	\$200
A cremação, por Senna Junior.....	\$200
A mulher e a comida, pelo mesmo.....	\$200
Vou vêr os Sinos de Corneville pelo mesmo.....	\$200

OUTRAS PEÇAS DE THEATRO

Giraldo sem pavor, ou a tomada d'Evora, drama his- torico (raro).....	3\$0 0
Matei o Chim!!! comedia em 1 acto.....	\$500
Victimas e algozes, drama em 2 actos.....	\$500
Os dous surdos, comedia em 1 acto.....	\$500
Amor e infamia, drama.....	1\$000
Os dous proscriptos, drama.....	1\$000
29 ou honra e gloria, drama.....	1\$000
O homem da mascara negra.....	1\$000
Os dous renegados, drama.....	1\$000
A chave de ouro, drama.....	1\$500
A morte do gallo, comedia em 1 acto.....	\$500
Os dous criados felizes, comedia em 1 acto.....	\$500
O diabo atraz da porta, comedia.....	\$500
A viuva das camelias, comedia.....	1\$500
Occurrencias diversas, scena comica.....	\$200
O Usurario, scena dramatica.....	\$200
O meu amigo Banana, scena comica.....	\$200
A correspondencia, s. c.....	\$400
O maldicto, s. dram.....	\$200
A dedicacão, drama.....	1\$000

LIVRARIA DE SERAFIM JOSÉ ALVES

83 — RUA SETE DE SETEMBRO — 83

Um phosphoro, comedia.....	\$500
Ambrosina, drama.....	1\$000
Episodios de um noivado, comedia.....	1\$000
Gabriel e Lusbel, drama.....	1\$000
O primo de California, comedia.....	1\$000
Ultimos momentos do tyranno Lopes.....	1\$000
O amigo dos artistas, s. c.....	\$200
Fui vér a festa da penha, s. c.....	\$200
Amante (o) das harmonias, s. c.....	200
Antes quebrar do que torcer, dr.....	1\$000
Amores de Roberto, dr.....	1\$000
Beata de mantilha, com.....	500
Caminho (o) para céo ou trabalhos do christão, dr... ..	1\$000
Chales de cachemira verde, com.....	1\$000
Cavalleiro (o) Theotonico ou a freira de Mariemburg	1\$000
Cornelia.....	500
Carlos, dr, em 4 actos.....	2\$000
Club Golipan, com.....	500
Canto do Salteador, sec. dr.....	200
Cioso (o) em 3 actos.....	1\$000
Casamento (o) clandestino.....	1\$000
Dous sargentos, dr.....	1\$000
Dous atraz de uma, com.....	1\$000
Desencantos, por Machado de Assis.....	500
Estranguladores no Pará, dr.....	2\$000
Egas Muniz, dr.....	1\$000
Escravo (o) fiel, dr.....	1\$000
Falso (o) heroismo, com. em 3 actos.....	500
Falta (a) de miudos, com.....	500
Gravata (a) branca, com. em 1 acto.....	500
Fausto, de Goethe dr.....	1\$500
Fernão Telles ou a primeira expedição a ceuta, dr... ..	2\$000
Francisca de Rimini, trag.....	\$500
Gaiato (o) de Lisboa, dr. em 2 actos.....	1\$000
Galileu, dr.....	1\$000
Judas (o) em sabbado da alleluia.....	\$500
Mineiros (os) desgraça, dr.....	1\$000
Mãe, de J. Alencar dr.....	1\$000
Morte (a) do Gallo, com.....	\$500
Manoel d'Abalada, s. c.....	\$200
Quasi ministro, com. em um acto., (não entra dama)... ..	\$500
Soenas da Foz, por Novaes.....	\$500
Uma vespera de Reis, com., de Arthur Azevedo.....	\$500